



Fra Donatus Forkan
Pricre Generale

O ROSTO MUTÁVEL DA ORDEM

UMA REFLEXÃO

“Vede, eu renovo todas as coisas” (Ap 21,5)

Para toda a Ordem

Festa de Nossa Senhora, Mãe do Bom Concílio,
26 de Abril de 2009
N.º Prot. PG050/2009

Caríssimos irmãos e irmãs em Hospitalidade,

PREÂMBULO

A mudança tem um impacto psicológico considerável na mente humana. Para os que têm medo, ela é ameaçadora, porque significa que as coisas podem ficar piores. Para os que têm esperança, ela é encorajadora, porque as coisas podem melhorar. Para os que confiam, ela é inspiradora, porque o desafio existe para melhorar as coisas – aquele que confia encara a mudança como uma fonte de inspiração, considerando todos os desafios como um impulso para tornar as coisas ainda melhores no futuro.

1. RENOVAÇÃO

1.1. Renovação, o que é?

A renovação organizacional¹ é um processo mediante o qual são iniciadas, criadas e confrontadas as mudanças necessárias de modo a tornar possível que uma organização se torne ou permaneça viável, capaz de se adaptar a novas condições, de resolver problemas, de aprender com a experiência passada e de se orientar para o futuro com uma maior maturidade organizacional.

No nosso caso, a renovação significa chegar a conhecer as origens da Ordem, a história de S. João de Deus e a sua filosofia de vida. Não se trata apenas de evocar a figura de João, mostrando pinturas e quadros que o representam, ou de contar episódios da sua vida, mas – e isso é o mais importante –, de nos esforçarmos por encarnar o seu espírito com entusiasmo, manifestando-o na vida prática, através das nossas atitudes e acções perante as pessoas a quem servimos. Trabalhar com os outros permitir-nos-á moldar uma visão comum do futuro, “fazendo-nos confiadamente ao largo”, de forma a orientar a missão e restabelecer a esperança das pessoas que sofrem.²

A renovação, tal como a conversão do coração, é algo em que temos de estar envolvidos todos os dias, porque “o amor de Deus nos absorve completamente” (2 Cor 5, 14). Recorrendo à analogia de S. Paulo, do mesmo modo que o atleta, devemos constantemente olhar em frente, compreendendo que *“ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita”*.³

Para que a renovação ganhe raízes tem que ser assumida em todos os aspectos das nossas vidas. Todas as Províncias devem definir um plano estratégico para a renovação de si mesmas, de cada Centro e de cada Comunidade. O processo deverá envolver quer os Colaboradores quer os Irmãos; todos nós necessitamos de uma *“formação do coração – para termos um coração que vê”*⁴ – de modo a exercer a hospitalidade de João de Deus num mundo dilacerado por guerras, violência, corrupção, marginalização e sofrimento.

Foi o Irmão Pierluigi Marchesi, ex-Superior Geral da Ordem, quem colocou a Ordem no caminho da renovação. Ele utilizou uma única palavra para resumir o que realmente era necessário fazer em termos de renovação – *Humanização*. Para o Irmão Pierluigi, a Humanização tinha-se tornado o elo unificador e integrador para nos ajudar a pôr o processo de renovação em prática: *A nossa cultura tem que ser completamente revista. Temos uma oportunidade fantástica para diagnosticar o nosso estado de saúde... Para nos renovarmos profundamente e sermos testemunhas genuínas de humanização é fundamental redescobrirmos os valores que possuímos... Humanizar um hospital significa aproximá-lo do*

¹ Cf. Lippitt, 1969.

² Cf. João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, I.

³ Cf. 1cor 13, 3.

⁴ Cf. Bento XVII, *Deus Caritas est*, 31º, b.

espírito do seu fundador.⁵ Eis o que se entende por renovação: regeneração, revisão e constante releitura!

1.2. Bases bíblico-teológicas

Neste documento estou a abordar uma questão que tem profundas raízes bíblicas e teológicas nas quais podemos identificar várias características salientes, das quais estas são as mais importantes, por ordem cronológica:

- *A metanóia* do evangelho. A mudança é exigida acima de tudo pela mensagem do Evangelho cuja mensagem original (antes da proclamação do kerygma da Páscoa) está especificamente relacionada com a “conversão”, um termo que traduz inadequadamente, nas línguas modernas, a densidade da palavra grega *metanóia*, que significa, literalmente, “uma mente mudada”. Porque a abordagem que o Evangelho propõe implica uma mudança radical no modo de pensar e, por conseguinte, de agir, que está magnificamente expressa nas Bem-aventuranças. De facto, estas não colocam a felicidade nesta vida, mas na outra, fundamentando-a mais em elementos que a “lógica do mundo” rejeita radicalmente, como a pobreza, a renúncia à vingança, o sofrimento para a realização da justiça.
- *Adaptação da Igreja Apostólica*. Mas não é só o Evangelho que requer uma mudança de mentalidade. Quando a Igreja Apostólica, nos primórdios do Cristianismo, se achou sem a presença física de Jesus, sob a orientação do Espírito, teve que encontrar soluções mais apropriadas para responder às exigências da evangelização, em termos práticos, tais como a instituição de diáconos, mas também no sentido mais especificamente pastoral, como o confronto com o mundo judaico, por um lado e, por outro, o mundo helénico. Mas esse confronto não ocorreu sem as suas disputas (bastaria pensar na decisão acerca da circuncisão e no confronto entre Pedro Paulo no Concílio de Jerusalém). Para nós, isto deve representar um ponto de referência exemplar, dando testemunho ao facto que, mesmo em semelhante comunidade, espiritualmente poderosa, como era a Igreja Apostólica, a mudança não ocorre sem obstáculos, oposição, perplexidades e tomadas de posição. Porém, tudo isso pode ser superado sob a orientação do Espírito e com a finalidade de prosseguir a única missão de caridade e evangelização.
- *Ecclesia semper reformanda*. Esta antiga frase latina enfatiza não tanto o que aconteceu na época da Reforma Protestante mas uma espécie de atitude perene que a Igreja deve sempre adoptar em relação a si própria. A reforma da Igreja não significa necessariamente que haja algo “errado”, mas indica certamente que há necessidade de uma constante busca de crescimento, de melhoria interna, de pôr de lado a pressuposição que ela seria perfeita – no que diz respeito aos aspectos humanos – mas, antes, de reconhecer que é sempre possível o seu ulterior desenvolvimento. Mas, para

⁵ Ir. P. Marchesi, *Humanização*, Roma 1981.

que isso seja possível, é necessário reconhecer as profundas mudanças sociais que já se verificaram e estão constantemente a acontecer na sociedade, no mundo de hoje – na economia, na família e na bioética –, o que torna impossível que estes aspectos sejam abordados hoje do mesmo modo que o foram há cem anos atrás. Além disso, a história da Igreja é um acto constante de testemunho de adaptação ininterrupta. Além do confronto com o mundo do paganismo grego, recordemos igualmente o que sucedeu na Idade Média, quando toda a teologia foi “repensada” e reelaborada em termos das categorias da Filosofia Escolástica; e não esqueçamos a chamada “Contra-Reforma” após a Reforma Protestante, com o florescimento das Ordens Religiosas, a instituição de seminários, a celebração canónica do casamento, e assim por diante. Todas estas inovações perduraram até aos dias de hoje.

- *O Concílio Vaticano II.* Não há dúvida que esta foi a maior “inovação eclesial” da época moderna. Basicamente, o próprio facto de estarmos a escrever estas páginas, insistindo na necessidade de abraçarmos a mudança, deve-se precisamente às portas que foram abertas pelo Concílio Vaticano II. Em primeiro lugar, temos hoje um conceito diferente da Igreja, já não a vendo como uma pirâmide, mas como comunhão, encarada como Povo de Deus em caminho, no qual o próprio Deus faz surgir diferentes vocações e atribui ministérios diferentes. Em segundo lugar, verificou-se um retorno às fontes bíblicas, mas também Patrísticas (as novas *raízes* a que Paulo VI se referiu tão frequentemente). E, depois, houve a renovação da liturgia e da teologia moral, e assim por diante. É precisamente esta renovação abrangente, este “*aggiornamento*”, que lançaram as bases, na Igreja, para fazer da renovação uma atitude constante a ser expressa de modos diferentes, de acordo com as diferentes condições de vida, nas diversas situações existenciais e em circunstâncias históricas diferentes. Concretamente, e na medida em que nos diz respeito, o Vaticano II lançou as bases que foram depois desenvolvidas no sentido de uma renovação de longo alcance da Vida Consagrada, incorporando-a mais profundamente no ambiente eclesial e social no qual a dimensão dos votos é entendida mais como doação de si mesmo do que como abnegação de si próprio, e na qual o ícone cristológico surge como ponto de referência exemplar, e a caridade se torna a expressão central, caracterizando também a vida contemplativa.

Esta breve síntese deve necessariamente ter a projecção escatológica de Deus que “*renova todas as coisas*” (cf. Ap 21, 5) como ponto de referência comum, como uma espécie de marca de água que a percorre inteiramente. Não nos devemos, por conseguinte, limitar a “renová-las” como se lhes estivéssemos a dar uma nova feição ou a fazer um conserto com meros ajustes estruturais; devemos realmente “renová-las” – por outras palavras, pegar naquilo que já existe como fonte de novidade. E esta é precisamente a perspectiva para a qual o Espírito nos chama hoje e que vou tentar defender nas páginas que seguem.

1.3. A renovação é obra do Espírito

Quando se trata de renovação há apenas um único *método*, ou processo, adequado. Porém, julgo que não estaria de acordo com o espírito do Concílio Vaticano II se alguém, ou algum grupo, reivindicasse que *a renovação não é para nós, ou que a renovação não se aplica a nós*. Recusar responder ao apelo à renovação ou não a levar seriamente em consideração seria ir contra, ou resistir, ao Espírito de Deus que está sempre activo e guia a sua Igreja e guia a nossa Ordem. Através da Sagrada Escritura, da Eucaristia, de relações de amor, da oração de todos os tipos, da beleza, das pessoas a quem servimos, mesmo através do silêncio, Deus fala. Quer nos apercebamos disso quer não, estamos envolvidos numa mensagem de esperança que vivifica e muda a própria vida. Aquilo que devemos fazer é estar presentes e abrir as nossas mentes e os nossos corações. Do mesmo modo que sucedeu com os discípulos, Jesus aparecerá no meio de nós, trazendo-nos a paz de Deus e o poder do Espírito Santo. Repletos do seu Espírito, podemos partir livremente para partilharmos a Boa Nova com todas as pessoas com quem nos encontramos.

A renovação é, por conseguinte, obra do Espírito que está constantemente a renovar a nossa Ordem. Para nós, o importante é estarmos *conscientes do que está a acontecer* e cooperar plenamente com Deus. Um elemento essencial na renovação é a purificação da nossa motivação, a conversão, a abertura ao Espírito, o diálogo reflectido, a oração pessoal, e escutar a brisa suave do Espírito que sopra onde quer.⁶ Dado que o nosso Deus é um Deus de surpresas, deixemos que Ele nos conduza, nos inspire e nos surpreenda, o que certamente irá acontecer. Quando nos sentimos vulneráveis ou inseguros – o que é normal quando somos confrontados com grandes desafios –, isso será para nós um grande conforto, dar-nos-á alegria e satisfação por fazermos parte de algo maior que nós mesmos, de algo que não depende totalmente de nós. Sentiremos orgulho e estaremos gratos pelo privilégio de fazermos parte de algo que está a acontecer, de algo maravilhoso, de algo que nunca pensávamos que fosse possível. Esta transformação já está a verificar-se em muitas partes da Ordem, através de Irmãos, individualmente, e dos Colaboradores, e trata-se de algo que, afinal, do ponto de vista da nossa missão, faz perfeitamente sentido.

Esta compreensão da renovação manter-nos-á, por assim dizer, alerta, vigilantes. Nunca podemos ser complacentes com o que fazemos, ou a maneira como vivemos. Em termos de renovação, também é óbvio que nem todos quererão, ou serão capazes de avançar com o mesmo ritmo, nem isso é necessário ou requerido. Porém, o importante é que os líderes da Província / Delegação / Comunidade / Serviço, com as suas equipas, Conselhos (Irmãos e Colaboradores mais responsáveis) estudem os documentos mais relevantes da Igreja e da Ordem sobre a renovação e elaborem em conjunto um plano, ou programa, que incluam o estudo, a aplicação e – onde for necessário – a experimentação que se aplique a cada situação concreta.

⁶ Jo 3, 8; 1rs 19, 11-17.

Como Religiosos, estamos no coração da Igreja e na fronteira da sua missão de evangelização. Por conseguinte, vivemos e exercemos o nosso ministério em espaços ordinários que são diferentes dos de outros trabalhadores de Igreja, nomeadamente, os bispos e os padres das freguesias que, digamos assim, exercem o seu ministério no espaço sagrado de uma paróquia, igreja, casa de retiros, etc. Eles acompanham e alimentam o Povo de Deus através da palavra e dos sacramentos. Obviamente, como membros da única família que é a Igreja, com eles partilhamos o mesmo objectivo e trabalhamos em harmonia para realizar o Reino de Deus na Terra.

O modo como o fazemos é através do exercício do nosso ministério hospitaleiro. A nossa missão consiste na **evangelização através da hospitalidade segundo o estilo de S. João de Deus**. A Hospitalidade praticada à maneira de S. João de Deus *é evangelização*. Só sendo fiéis à nossa missão teremos impacto social e marcaremos a diferença nas vidas das pessoas, dando um importante contributo para a missão de evangelização da Igreja. Para muitas pessoas, nós somos a única bíblia que eles alguma vez irão ler. Para sermos testemunhas de Cristo precisamos de estar em estado constante de conversão e renovação. Nós trabalhamos com outros na Igreja para a realização do Reino de Deus, mas não podemos esperar que a liderança, no que diz respeito à nossa missão, provenha da Igreja local. É por isso que os Religiosos têm um “estatuto especial” na Igreja, que os torna livres para irem procurar os que vivem no meio da escuridão ou de partirem para onde outros não podem ou não desejam ir. Os nossos votos libertam-nos para fazermos o que os outros não podem fazer, para irmos ao encontro daqueles de quem ninguém se ocupa e, por isso, se sentem indesejados e não amados. Numa palavra, a nossa missão consiste em testemunhar, de modo concreto, o nosso amor pelos que se sentem desprezados, incompreendidos, marginalizados e indesejados – amando-os plenamente, do mesmo modo que nos mostraram o nosso irmão Jesus e S. João de Deus. É esta a nossa missão.

TÓPICOS PARA DEBATE SOBRE O TEXTO

Capítulo 1 – Renovação

Para os Irmãos

1. Escolher um dos textos bíblicos citados no documento e analisá-lo à luz do estado em que se encontra a comunidade local, olhando para a Palavra de Deus relativamente à renovação.
2. Aplicar a noção de “renovação” ao Carisma da Hospitalidade e indicar as formas operacionais que ela pode assumir.
3. Procurar e comentar as muitas orações ou hinos ao Espírito Santo considerados mais apropriados para uma discussão sobre o tema da renovação.

Para os Irmãos e Colaboradores (Colaboradores por conta própria onde não há Irmãos)

1. À luz da Biografia e das Cartas de S. João de Deus, analisar o impacto da renovação que ele introduziu na sociedade do seu tempo.
2. Aplicar estes critérios a um possível “Plano de Renovação” para o próprio centro local.
3. Que contributo pode dar à renovação da Ordem a espiritualidade dos leigos?

2. HISTÓRIA DA RENOVAÇÃO NA ORDEM

As mudanças requeridas, e necessárias, para que a Ordem se possa transformar num instituto apostólico activo depois do Concílio Ecuménico Vaticano II foram de enormes proporções. Como sempre acontece em tempos de mudanças radicais, talvez ninguém pudesse saber, prever ou sequer imaginar como as coisas iriam mudar. Este é o dom da história. Olhando agora para trás, podemos constatar que quando a Ordem enveredou pelo processo de renovação, ela deu um certo salto em frente, um pulo de fé, em termos da compreensão de si mesma, da sua missão e da sua focalização. Pelo poder do Espírito Santo, as mudanças, adaptações e sacrifícios feitos pelos membros da Ordem para prosseguir uma renovação autêntica foram verdadeiramente de proporções gigantescas, sísmicas. O resultado disto foi uma verificação do processo de renovação e a garantia que esse processo era obra do Espírito Santo. A renovação empreendida pela Ordem resultou numa compreensão mais original e autêntica de Hospitalidade, assim como da missão da Ordem e do seu lugar na Igreja. Por sua vez, esta nova realidade traduziu-se numa expansão dramática e num desenvolvimento de serviços para as pessoas que apresentavam um variado leque de necessidades, e no aumento do número de pessoas que acorreram aos nossos centros e serviços. Não tenho dúvida alguma de que S. João de Deus sente verdadeiramente muito orgulho nesta nova realidade.

2.1 O background histórico para a renovação permanente

2.1.1. “O coração é que manda”⁷

O facto de deixar que fosse o coração a “mandar” levou a Ordem a descobrir novos horizontes, novas fronteiras, novos desafios e novas oportunidades. A Ordem Hospitaleira de S. João de Deus continua a ser um instrumento credível nas mãos de Deus para o advento do seu Reino na Terra, graças à sua fidelidade à própria missão. Isso é possível, não porque alguns dos seus membros de grande craveira intelectual nos deixaram bibliotecas repletas de trabalhos seus, embora tenhamos preciosas obras que contêm a memória colectiva do passado e outras que interpretaram a história à luz dos tempos em que viveram os seus autores. Mais propriamente, a Ordem de S. João de Deus é o que é hoje porque os seus membros deixaram que fosse o “coração a mandar”, a prestar atenção à voz dos pobres. Um coração que via onde

⁷ O brasão da Família Venegas, que ainda hoje se pode ver por cima da entrada da casa que outrora pertenceu a esta importante família de Granada, mostra um coração trespassado por uma lança, com o lema “*El Corazón manda*” (“o coração é que manda). Com a autorização do proprietário, Don Miguel Abiz de Venegas, João costumava dormir no pátio desta casa. Porém, dado que João tinha um coração que não era surdo à voz dos pobres, convidou-os a receber abrigo com ele nesse abrigo temporário. A entrada, porém, bem depressa ficou tão cheia de pobres e doentes que João levava para lá que as pessoas da casa já não conseguiam entrar nem viver facilmente na sua própria habitação. Compreensivelmente, João foi convidado pelos donos a mudar de sítio e a levar com ele os seus “amigos”. Podemos dizer que foi ali que nasceu *o estilo de hospitalidade de João* – na entrada de uma casa.

era necessário amor e agiu conseqüentemente.⁸ A Hospitalidade segundo o estilo de João de Deus é como um fio de ouro que se estende através dos séculos e mantém unido e intacto o tecido da Ordem. É como uma peça de vestuário multicolor, cujas cores são a imagem de como ela se exprimiu numa variedade de modos ao longo dos séculos, de acordo com as exigências de cada época, de cada lugar e das necessidades das pessoas, sendo o carisma da hospitalidade de João o fio dourado que a mantém unida.

Fidelidade à inspiração original – isto é, a S. João de Deus e à herança da Hospitalidade que ele nos deixou – é o elemento constituinte que fez com que a Ordem continuasse a crescer. Escrevo conscientemente a frase “continuasse a crescer”, porque uma organização ou um organismo que não se desenvolva acaba progressivamente por morrer. A vida numa organização mede-se através da sua capacidade de crescimento, de se expandir e, afinal de contas, pela sua capacidade de se recriar e de produzir resultados.

2.1.2. Todas as formas de vida ou se desenvolvem ou acabam por morrer

Pode parecer um modo algo rude descrever o trabalho de uma instituição religiosa em termos de “resultados de produção”. Sabemos que os resultados que prosseguimos são de ordem espiritual, o que obviamente não pode ser medido. Os meios que usamos têm a ver com a assistência corporal e espiritual da humanidade sofredora.⁹ Mantendo-se fiel a esta missão sagrada, a Ordem continua a ser um instrumento eficaz de evangelização no mundo da Saúde. Se o agricultor não cultivar a terra, se não lhe deitar a semente e não der nutrimento às plantas em crescimento, não haverá colheita. Da mesma forma, para haver frutos espirituais, para que haja evangelização, deve haver impacto social. A Ordem de S. João de Deus dá hoje assistência a mais pessoas do que alguma vez fizera ao longo da sua história. Anualmente, as vidas de mais de 20.000.000 (vinte milhões) de pessoas são tocadas por um seguidor de S. João de Deus. Isso verifica-se através de uma vasta rede de Hospitalidade com que não se podia sequer sonhar antes do Concílio Vaticano II. Além disso, a sua missão é desempenhada com um nível de excelência impensável há 40 anos!

Como ponto de interesse, antes da actualização pedida pelo Concílio Vaticano II, o Voto de Hospitalidade só tinha efeitos quando *cuidávamos de doentes do sexo masculino em hospitais que fossem nossos ou que nos tivessem sido confiados*.¹⁰ A definição revista do Voto de Hospitalidade nas Constituições de 1984, afirma: “*Pelo voto de hospitalidade dedicamo-nos, na obediência aos Superiores, à assistência aos doentes e necessitados, comprometendo-nos o prestar-lhes todos os serviços necessários, até os mais humildes e com risco da nossa própria vida, à imitação de Cristo, que nos amou até morrer pela nossa salvação*”.

“*A nossa maior felicidade consiste em viver em contacto com os destinatários da nossa missão: acolhemo-los e servimo-los com a amabilidade, a compreensão e o espírito de fé que*

⁸ Cf. Bento XVI, *Deus Caritas est*, 31b.

⁹ Cf. *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*, Constituições 1984, cap. 1.

¹⁰ Cf. *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*, Constituições de 1927, art. 79a.

*eles merecem como pessoas e como filhos de Deus; e pomos à disposição deles todas as nossas energias e todas as nossas capacidades, nas várias tarefas que nos são confiadas.*¹¹

2.1.3. Uma maneira original, autêntica, de compreender a HOSPITALIDADE

Enquanto o processo foi difícil, por vezes até mesmo turbulento, a coragem e dedicação à renovação segundo o espírito do Concílio Vaticano II acabou por conduzir ao aparecimento de *um novo rosto da Ordem*. A Ordem começou a apresentar-se como uma Ordem formada por homens consagrados em Hospitalidade para viver radicalmente o seguimento de Jesus como Irmãos religiosos, juntamente com homens e mulheres que, fascinados pela “história de João de Deus”, se comprometeram pessoalmente a dar continuidade à sua missão, de acordo com a filosofia, o *ethos* e os valores da Ordem.

Uma nova face, ou rosto, da Ordem emergiu graças a um sério empenhamento no processo de renovação. O caminho de renovação é longo, às vezes árduo, outras vezes estimulante e agradável, mas é sempre desafiante e durará enquanto a Ordem existir. Se esta, em qualquer momento, no seu todo ou em quaisquer das suas partes constituintes (Províncias, Comunidades), deixar de se empenhar no processo de renovação – independentemente da forma como for designado – , acabará por desaparecer. Mas também ninguém pode garantir que mesmo que a Ordem se empenhe com todas as suas forças nesse processo de renovação ela continuará no futuro. A longevidade, ou a continuação da Ordem no futuro, não são o objectivo nem a motivação para a renovação. Não é o futuro que nos preocupa. O futuro está nas mãos de Deus. A nossa responsabilidade consiste em fazer aquilo que é do seu agrado. Procurando interpretar os sinais dos tempos, seguindo a orientação do Espírito, seremos um instrumento eficaz nas mãos de Deus, realizando a sua obra em qualquer tempo e lugar. Através de uma reflexão profunda, da oração comunitária e pessoal, cada um de nós deve esforçar-se por estar sempre em sintonia com a vontade de Deus: “*Procurai primeiro o Reino de Deus..., e tudo o mais vos será dado por acréscimo*”.¹²

2.2. Como éramos...

2.2.1. Os Irmãos antes do Concílio Vaticano II

Tenho consciência que algumas das pessoas que lerem este documento, ou virem o vídeo (em DVD) que o acompanha, poderão não estar completamente conscientes da nossa história. Vou por isso fornecer um pouco de informação de base que poderá ajudar as pessoas a compreender brevemente de onde vem a Ordem. Julgo que será interessante ouvir falar do modo como vivemos, trabalhamos e funcionamos como Ordem Religiosa nos tempos antes do Concílio Vaticano II. Na realidade, não éramos muito diferentes de outros institutos religiosos daquele tempo. Julgo que isto também poderá ajudar os “novos hospitaleiros”, tanto Irmãos

¹¹ Cf. *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*, Constituições 1984, art. 22.

¹² Mt 6, 33.

como Colaboradores, a apreciar e sentir orgulho pela nossa longa história de serviço à humanidade sofredora. É interessante notar que, apesar dos muitos desafios, perseguições e vicissitudes por ela encontrados ao longo dos séculos, como instituto religioso, a Ordem hospitaleira de S. João de Deus manteve-se fiel à sua missão. Esteve sempre do lado das pessoas marginalizadas, rejeitadas e esquecidas, ou tratadas de modo injusto, devido à natureza das suas doenças ou deficiências – afinal de contas, sempre pessoas pobres, doentes ou, de uma forma ou de outra, sofredoras. É óbvio que, para se ficar com um quadro completo daquilo que somos, e para se compreender um pouco da nossa missão e daquilo que nos motiva e nos inspira, é essencial estudar a vida de S. João de Deus, pois ele é o nosso Fundador e a nossa inspiração. Dispomos de muito material a este respeito, mas a primeira biografia de S. João de Deus escrita por Francisco de Castro, Reitor do Hospital de S. João de Deus, em Granada, em 1585, deve merecer lugar de destaque.

Basicamente, a Ordem está a emergir de uma longa tradição na qual o “hospital mosteiro” e o modo monástico de vida determinaram a forma como vivíamos. No passado, éramos considerados como monges que exerciam o seu ministério hospitaleiro, com uma estrutura monástica forte no nosso modo de vida, a nossa oração, a observância de muito silêncio, clausura e rotina diária. Exercíamos o nosso ministério ocupando-nos de “doentes do sexo masculino em hospitais que fossem nossos ou que nos tivessem sido confiados”.¹³ O “estilo de vida monástico” não tinha sido a escolha dos primeiros Irmãos de S. João de Deus: foi-lhes imposto pela Igreja. Um dos aspectos positivos desta situação, porém, foi que a residência e o lugar de trabalho dos Irmãos eram conhecidos como um “hospital mosteiro”, o que significava que os Irmãos viviam muito perto dos doentes; o seu alojamento era num edifício junto do hospital, ou dentro do próprio hospital. Como os Irmãos eram relativamente numerosos, com a ajuda de algumas pessoas conseguiam prover de pessoal todos os departamentos do hospital. Apesar da sua “estrutura monástica”, a Ordem obteve do Papa Urbano VIII, em 1624, os privilégios das Ordens Mendicantes, podendo, entre outras coisas, ir pedir esmolas, ou ajuda, para o hospital, do mesmo modo que João de Deus fazia para sustentar o seu hospital em Granada.

Contudo, antes das reformas do Concílio Vaticano II, João de Deus não constava muito na compreensão de quem nós éramos, da nossa missão ou da nossa espiritualidade. Embora emitíssemos um Voto de Hospitalidade, eram os três “Votos de Religião” – isto é, pobreza, obediência e castidade – que nos colocavam à parte, num *estado de perfeição* e diferentes do laicado. Parece que se acentuava sobretudo aquilo que nos tornava diferentes dos outros na Igreja, e não aquilo que tínhamos em comum com todo o Povo de Deus.

O Vaticano II instruiu os Religiosos no sentido de usarem como instrumento de renovação as Escrituras e entrarem em contacto com a inspiração original dos seus fundadores ou fundadoras. Além dos Documentos promulgados pelo Concílio, os Sumos Pontífices que vieram depois e a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de

¹³ Cf. *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*, Constituições de 1927, art. 79a.

Vida Apostólica publicaram muitos documentos relacionados com a vida religiosa.¹⁴ Os líderes da nossa Ordem acolheram as directrizes do Concílio e empenharam-se numa renovação muito séria. Foram empreendidas várias iniciativas sobre a renovação, quer de carácter internacional quer provincial. Muitos documentos foram publicados pela Ordem¹⁵; foram realizados Capítulos Especiais e Congressos; foram organizados Cursos e Retiros para os Irmãos, dinamizados por peritos nos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Foram promovidos períodos de experimentação no ministério, assim como na vida de comunidade e de oração. Este foi um momento de definição para a Ordem. Os seus membros faziam perguntas, do género: afinal, somos monges? Somos religiosos de vida apostólica? Somos leigos ou clérigos? Qual é a nossa missão na Igreja? A quem se dirige a nossa missão?

Para alguns, especialmente os que exerciam cargos de liderança, não foram tempos fáceis. Havia muitos problemas, novas liberdades, crises e discordâncias sobre como avançar; religiosos e padres abandonavam o ministério. Para alguns foi um tempo de mudança, de desafio, e uma oportunidade no ministério, ao passo que para outros foi uma experiência dolorosa, cheia de dúvidas, com um sentido profundo de perda. Tudo isto aconteceu num período de 40 anos que, comparados com os 460 de história da Ordem, se pode considerar um curto espaço de tempo. Foi, no entanto, um tempo cheio de estímulos, com novas liberdades de pensamento e de expressão; introduziram-se novas perspectivas teológicas; respeito pela individualidade de Religiosos e a diversidade no ministério. Muitos dizem que isto é só o começo e não fazemos ideia nenhuma do que virá no futuro. Será verdade; o que sabemos com certeza, no entanto, é que o futuro está nas mãos de Deus; por isso, tudo estará bem.

Um outro factor que contribuiu para o isolamento dos Religiosos, inclusivamente dentro do mesmo instituto, separando-os uns dos outros até ao período do Concílio, era o facto que viajar era difícil e dispendioso. Por conseguinte, havia poucas oportunidades para os Irmãos se conhecerem reciprocamente, excepto quando participavam num Capítulo Geral, o único tipo de evento internacional que existia para os Religiosos daquele tempo. Neste tipo de organização, as Províncias ficavam bastante independentes, especialmente no âmbito da nossa Ordem. Um dos nossos Superiores Gerais declarou que se sentia como se fosse o Geral de uma federação de 20 Ordens diferentes, e não de uma Ordem composta por 20 Províncias. As Províncias não só eram independentes umas das outras, mas também da Cúria Geral, em Roma. A comunicação com ela acontecia por razões específicas, conforme estipulado pelo Direito Canónico e as nossas Constituições, normalmente por carta. Uma resposta levava muito tempo a chegar e só para assuntos urgentes se enviava um telegrama. É importante sublinhar que a situação vivida na vida religiosa reflectia, como nos dias de hoje, o que acontecia na vida social em geral. A sociedade, naquele tempo, tinha um ritmo lento, com pequenas mudanças, poucos desenvolvimentos, comunicações demoradas, viagens difíceis e

¹⁴ João Paulo II, *Vita Consecrata*, 1996. Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *Vida fraterna em Comunidade* (1994), *Partir de Cristo* (2002), e *Ao Serviço da Autoridade e da Obediência* (2008).

¹⁵ *Humanização; Os Irmãos de S. João de Deus no limiar do ano 2000; Irmãos e Colaboradores juntos para servir e promover a vida; A Formação do Irmão Hospitaleiro de S. João de Deus; Carta de Identidade; Espiritualidade Hospitalreira segundo o estilo de S. João de Deus.*

que requeriam longos períodos de tempo, e a influência que um país exercia sobre os outros ressentia igualmente de todas estas limitações.

Vivemos agora num estado de mudanças rápidas e constantes, estamos na chamada “aldeia global”, com comunicações instantâneas, viagens fáceis, influências transnacionais e desenvolvimentos na Medicina inimagináveis há alguns anos atrás. Para manter o seu impacto social neste novo mundo, a Ordem reconheceu que, também ela, tinha de mudar, de se actualizar e de rejuvenescer.

O impulso para mudar, em termos de ministério no âmbito da Ordem, proveio da reflexão sobre a vida e o ministério de S. João de Deus. Aquilo que descobrimos quando olhámos para a vida de João de Deus foi verdadeiramente uma revelação. A estatura de João, em termos de espiritualidade e missão, é assombroso. Esta descoberta foi o aspecto mais entusiasmante, um momento de desafio e definição do processo de renovação, e teve o maior impacto na vida da Ordem desde que, em 1572, o Papa S. Pio V constituiu os seguidores de João de Deus num Instituto Religioso.

Vale a pena observar que S. João de Deus teve uma influência enorme em quase todas as decisões tomadas, em termos da missão da Ordem, durante as últimas quatro décadas. A questão que geralmente se colocava em todo esse período, era: *“O que faria João de Deus nesta situação?”* Esta descoberta tem uma enorme influência na nossa vida, no modo como fazemos as coisas, na maneira como passámos a entender a missão, *tornando-se a hospitalidade no cerne daquilo que nós somos*, e a imensa variedade de modos em que a hospitalidade se começou a materializar – estamos perante uma nova realidade que nunca tínhamos acreditado se pudesse concretizar. Por conseguinte, era, e continua a ser, uma experiência vital. A Ordem adquiriu uma profunda compreensão de si mesma e da sua missão, comparável a uma experiência de refundação.

Para os Irmãos, a descoberta de S. João de Deus através do processo de renovação revolucionou o modo como começámos a olhar para nós mesmos, como Irmãos Religiosos, para a nossa missão na igreja e para a nossa relação com nossos companheiros de viagem na caminhada da vida – clérigos, religiosos, leigos, cristãos ou não-cristãos. Começámos a julgar e a ver coisas pelo prisma da hospitalidade, surgindo assim novas possibilidades para a viver e expressar. Todo este processo continha simultaneamente aspectos estonteantes e grandes desafios.

2.2.2. Os Irmãos do tempo do Concílio Vaticano II

Desejo aqui reconhecer e expressar um profundo sentido de gratidão pelo grande legado de hospitalidade que as passadas gerações de Irmãos nos deixaram, a começar pelo tempo do próprio S. João de Deus. Estes homens foram modelos do que há de melhor e mais nobre na vocação do Irmão hospitaleiro. A sua dedicação ao serviço dos doentes, dia e noite, mesmo pondo em risco as próprias vidas, e a austeridade de vida e dedicação à oração, pode servir de ponto de referência para que a nossa geração actual possa apreciar os valores fundamentais da

Ordem e o que está no cerne da vocação do Irmão S. João de Deus. O que a Ordem tem hoje, no sentido da assistência e atenção aos membros mais esquecidos e necessitados da sociedade, com uma paixão pela excelência no serviço, parte da convicção que os Irmãos sempre tiveram, acreditando que todo o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, e que nada – pobreza, deformações, deficiências ou doenças – pode destruir de forma alguma ou diminuir esta beleza interior. É esta herança rica que nós recebemos de gerações de Irmãos de outrora que nos ligam a um passado pleno de brio e que remonta à época em que viveu o próprio João de Deus.

Temos também o privilégio de ainda estarem connosco muitos dos Irmãos que iniciaram o processo de renovação após o Concílio Vaticano II, continuando a sua vida activa; outros têm idades avançadas mas ainda contribuem para a missão da Ordem, de modos diversos. Outros ainda partiram para receber a recompensa eterna. Há um número considerável de Irmãos que exercem hoje o ministério hospitaleiro através da oração e sofrendo, devido às enfermidades provocadas pelo envelhecimento natural. Cada um destes Irmãos, de acordo com as circunstâncias particulares, continua a contribuir para a missão de hospitalidade e mantém-se empenhado no processo de renovação. Não conheci um único Irmão que, tendo vivido antes do Concílio e experimentado o processo de renovação, desejasse voltar ao modo antigo de viver.

A renovação, segundo o espírito do Concílio Vaticano II, deve não só preservar, mas reforçar a ligação com o passado, assumindo o que é essencial desse tempo, pondo de parte o que não é pertinente nos dias de hoje, e projectar o futuro. Precisamos então de parar, de reflectir e escolher o que é essencial para preservar a identidade de João de Deus, que constitui como que a “marca comercial” de tudo aquilo que fazemos.

2.3. ...e como somos hoje

2.3.1. Os efeitos da renovação

Quando a renovação é seriamente assumida os efeitos tornam-se palpáveis: há vida, vibração e entusiasmo. Mais importante, porém, é que os efeitos são sentidos quase imediatamente pelos destinatários dos nossos cuidados de uma forma que é vital para eles, e este é o primeiro objectivo da nossa assistência. Por conseguinte, a razão para a renovação não reside no facto de o que se fez no passado estar errado, mas sim na consideração de que a Ordem pode continuar a ser fiel à sua missão e ao seu serviço, relevante nos dias de hoje em que a sociedade está rapidamente a mudar. Também a Ordem se encontra num estado de constante mudança. Como disse o Cardeal inglês Newman, “viver é mudar, ter vivido muito é ter mudado muitas vezes”. Ora bem, dado que a Ordem “tem vivido muito tempo”, significa que ela mudou substancialmente ao longo do tempo. Porém, o que permanece idêntico é a sua fidelidade à missão da hospitalidade. A renovação, por conseguinte, não é uma terapia de bem-estar para os Irmãos ou os Colaboradores; é, antes, a sobrevivência da missão, a

fidelidade, a autenticidade, o manter-se fiéis e verdadeiros, segundo a inspiração original que é S. João de Deus.

A dedicação de si próprio ao projecto hospitaleiro leva progressivamente a tomar consciência de se estar envolvido em algo que vale a pena, algo superior a qualquer indivíduo ou grupo, como disse acima. A hospitalidade segundo o estilo de S. João de Deus é um carisma e um dom de Deus, mas não é uma coisa estática ou fixa. A palavra “carisma” tem um significado espiritual – por exemplo, uma graça, um poder, geralmente de natureza espiritual, um dom livremente dado por Deus. Também se emprega este termo em Psicologia Social e aplica-se igualmente em circunstâncias do mundo normal para indicar alguém que possui esta qualidade, que é capaz de influenciar outras pessoas, individualmente ou em grupo. Os institutos religiosos empregam esta palavra para descrever a orientação espiritual e quaisquer características especiais da sua missão, ou valores que se podem manifestar graças aos votos emitidos pelos seus membros e à orientação dos institutos aos quais eles pertencem. Um exemplo de um carisma específico é como as obras da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus enfatizam o serviço prestado aos pobres, às pessoas doentes ou desfavorecidas, com um determinado espírito – a **Hospitalidade à maneira de S. João de Deus**: é neste valor que se baseia a sua missão.

Para ser eficaz, o carisma precisa de ganhar raízes e crescer na vida da pessoa que recebeu o dom. É por isso que o Papa João Paulo II disse, acerca de João de Deus: “ele não só praticou a hospitalidade mas, se posso exprimir-me desta forma, *ele fez-se hospitalidade*”.¹⁶ Esta identificação acontece quando alguém desempenha um serviço para as outras pessoas, especialmente quando se encontram em necessidade, e esse serviço requer, ou convida a dar, uma resposta pessoal da nossa parte. É como a romã: quando está madura abre-se num gesto abnegado de doação, oferecendo alimento, vida nutritiva, transmitindo força e energia. Sendo a hospitalidade um dom dinâmico, e não algo inerte, requer um investimento pessoal por parte do indivíduo: quando isso acontece, a própria hospitalidade é enriquecida e a recompensa para a pessoa é muito gratificante e leva a pessoa a sentir-se profissionalmente realizada.

Estes efeitos regeneradores do processo de renovação despertaram energias novas e suscitaram entusiasmo para João de Deus e a sua obra. Havia novos espaços, novos pórticos, novas necessidades que requeriam uma resposta. Tudo isso deu à flor da hospitalidade um novo espaço para crescer, florescer e difundir o seu perfume pelo mundo do sofrimento, levando consigo cura e bem-estar, esperança e alegria a milhões de pessoas. A “Hospitalidade segundo o estilo de João” é o dom especial que Deus deseja dar ao mundo e à sociedade. Tendo-se libertado dos constrangimentos de estruturas velhas e esquemas obsoletos que impediam o seu crescimento e desenvolvimento, floresceu para benefício de muitos milhões de pessoas todos os anos.

¹⁶ João Paulo II, Discurso durante a audiência aos participantes no Congresso de Irmãos e Colaboradores, 2.12.1995.

2.3.2. A renovação conduziu a algo novo

É verdade que o caminho da renovação teve até hoje os seus avanços e recuos, os seus pontos altos e baixos, com sucessos e fracassos, alegrias e tristezas. Compreensivelmente, foi por vezes doloroso para alguns, tendo sido necessário fazer verdadeiros sacrifícios. Não foi fácil abandonar o passado e o que era familiar, pôr de parte o que funcionava durante tão longo tempo. Alguns Irmãos experimentaram um profundo sentido de perda, de confusão e, por vezes, um sentimento de desorientação, como se andassem à deriva. Havia um sentimento de insegurança e de vulnerabilidade, de perda de controle, com a possibilidade de fracasso. Foi necessário ser humilde, confiar em Deus e nos companheiros de viagem para perseverar no processo de renovação.

Mas, no fim, algo muito especial começou a materializar-se. *Algo novo nascera*, algo muito belo e significativo começou a emergir. Da mesma maneira que o novo crescimento surge progressivamente no sol da primavera quente que vem depois do inverno, a Ordem começou a desabrochar e a reflorescer. Estou bastante seguro que ela ainda não alcançou o seu pleno florescimento; mas, mesmo agora, é maravilhoso vê-la. Ao vermos a Ordem como uma presença que suaviza e cura, que se expande pelo mundo do sofrimento, não se pode senão elevar o coração a Deus em oração de acção de graças.

2.3.3. A “nova hospitalidade”

A expressão “Nova Hospitalidade” vem do Capítulo Geral de 1994 que decorreu sob o lema “Nova Evangelização e Nova Hospitalidade no limiar do Terceiro Milénio”. A única coisa que é “nova” relativamente à hospitalidade é a grande variedade de modos nos quais ela está a ser vivida agora e se manifesta em todo o mundo, onde quer que a Ordem de S. João de Deus esteja presente. Considerando a missão da Ordem não só como um ornamento da Igreja mas como algo que lhe permite continuar o ministério salvífico de Cristo, esta é uma perspectiva simultaneamente estimulante e desafiadora. À medida que se iam multiplicando novas expressões de hospitalidade começou também a aumentar o número de Colaboradores. Este facto verificou-se quando o perfil de idade dos Irmãos começava a subir nos países industrializados e ia diminuindo o número de homens que entravam para a nossa Ordem. Ao mesmo tempo, o número de Irmãos nos países ditos em desenvolvimento começou a aumentar, paralelamente ao número de novos centros e serviços. A urgência provocada por esta nova situação levou a fazer uma descoberta: o Colaborador podia desempenhar um papel fundamental em tornar a Ordem capaz de cumprir a sua missão.

Alguns poderiam julgar que, devido à diminuição do número de Irmãos, a Ordem foi forçada a permitir que os Colaboradores assumissem um papel mais activo na administração e gestão dos seus centros e serviços – e esta ideia não está completamente desprovida de fundamento. Deus tem os seus próprios modos de actuar. Temos de admitir que, se houvesse Irmãos suficientes, talvez a Ordem não tivesse encarado os Colaboradores na mesma luz. Ao mesmo tempo, as Províncias que tiveram a intuição e lucidez suficientes para solicitarem a ajuda dos

seus colaboradores mais próximos, pedindo-lhes conselho e cooperação na planificação de um novo modo de encarar a missão da hospitalidade, como também na área de administração e gestão, beneficiaram enormemente disso.

É desta forma que eu vejo a evolução que está a acontecer na Igreja, *não o desaparecimento dos religiosos*, mas antes *o emergir do laicado*. Como já disse, os religiosos estarão sempre no coração da Igreja e na fronteira da sua missão de evangelização. A forma que a sua presença irá assumir pode ser muito diferente da do passado, mas eles estarão sempre lá porque fazem parte da vida e da santidade da Igreja.

Como resultado do compromisso no processo de renovação, duas coisas começaram a verificar-se ao mesmo tempo nos últimos anos. Em primeiro lugar, devido à formação associada ao processo de renovação, os Colaboradores demonstraram um verdadeiro desejo de estar ao serviço, ganhando progressivamente confiança que também podiam ser líderes de hospitalidade. Em segundo lugar – e talvez esta tenha sido a força motriz real para a mudança – a intuição adquirida pelos Irmãos de que “a Ordem não tem «direitos de autor» sobre João de Deus, pois ele pertence à sociedade e a Igreja”¹⁷, nem a hospitalidade pertence de modo exclusivo aos Irmãos, pois os leigos também partilham a “hospitalidade de João” e possuem os seus próprios dons, talentos e competências profissionais que enriquecem este grande dom da hospitalidade que recebemos de Deus.

Tanto os Colaboradores como os Irmãos, tendo recebido o dom da hospitalidade, tornam-se *irmãos e irmãs em hospitalidade unida em missão*.¹⁸ Como irmãos e irmãs, somos portanto membros de uma só família – a *Família de S. João de Deus*. Esta é uma verdadeira reflexão sobre o modo como João de Deus se relacionava pessoalmente com as pessoas a quem servia, as pessoas com quem trabalhava, as pessoas com quem se encontrava ao andar pela cidade para acolher os doentes e os moribundos, ou para pedir esmolas. Trata-se de uma relação, ou laço, baseado na confiança mútua, no respeito, na amizade e numa visão partilhada. Este desenvolvimento na compreensão da relação entre Colaboradores e Irmãos não só refresca, liberta e confere autoridade mas, devo dizer, constitui também um desafio... que é o caminho do futuro.

A implementação desta visão do futuro da Ordem requer não só que sejam dada aos Colaboradores mais responsabilidades no âmbito da gestão e administração, mas também que eles recebam **formação adequada** para os habilitar a desempenhar o seu papel segundo o espírito e à maneira de S. João de Deus, assim como de acordo com a filosofia, os valores e o *ethos* da Família Hospitaleira de S. João de Deus. A Escola de Hospitalidade terá um papel muito importante a desempenhar neste processo.

¹⁷ Ir. Pascual Piles, *Deixai-vos guiar pelo Espírito*, 24.09.2006.

¹⁸ Capítulo Geral de 2006.

2.3.4. Purificação da memória

Ao apresentar todas as coisas magníficas que foram realizadas ao longo da história no serviço prestado aos doentes, pobres ou marginalizados, não podemos ocultar as inevitáveis falhas e fragilidades daquilo que fizemos. Seguindo o exemplo magistral de João Paulo II e o vigoroso pedido de perdão que ele fez solenemente por ocasião do Jubileu do Ano 2000, a Igreja convida-nos a fazer o mesmo.

Não é obviamente este o lugar para enumerar as falhas e insuficiências, nem para fazer uma análise crítica da nossa história, independentemente das debilidades que tenha havido. Mas temos que aprender com a história tendo em vista o presente e o futuro. A admissão das nossas falhas assume um sentido de purificação e, conseqüentemente, também de renovação. Não somos pessoas “perfeitas” que falam com pecadores, mas Irmãos que desejam trabalhar em conjunto para construir o Reino, através de um caminho que também é feito de imperfeição. Porém, todas as quedas são ao mesmo tempo um grito implícito de ajuda, de uma mão fraterna que nos impeça de cair, ou que esteja ao nosso lado para nos ajudar. Além disso, se as nossas falhas feriram outras pessoas, devemos também humilde e sinceramente pedir perdão às pessoas a quem ofendemos, que generosamente o deverão conceder. Pois, ao mesmo tempo que somos convidados a “confessar os nossos pecados uns aos outros”,¹⁹ somos igualmente convidados a perdoar aqueles que nos ofendem, não sete vezes, mas setenta vezes sete”.²⁰ Peçamos, pois, perdão pelas nossas faltas, primeiramente entre nós mesmos, como Irmãos, e depois também entre os Irmãos e Colaboradores. De modo especial, peçamos perdão a quantos, por qualquer razão, estiveram nalgum centro de S. João de Centre de Deus por um período de tempo das suas vidas. Sabemos que não pode haver renovação sem que a confissão das nossas fraquezas nos leve a superá-las.

Entre as falhas pelas quais devemos pedir perdão encontram-se certamente as seguintes:

- Insucesso em cumprir com os compromissos assumidos na Vida Consagrada;
- Insucesso em garantirmos a melhor assistência aos utentes, aos doentes e a outras pessoas que vieram aos nossos centros ou recorreram aos nossos serviços;
- Ofensas à dignidade das pessoas assistidas;
- Falhas em relação a pessoas que, pelo modo como foram tratadas, não se sentiram consideradas segundo o seu verdadeiro valor, como filhos de Deus e nossos irmãos e irmãs;
- Falhas na vivência correcta da vida fraterna;
- Falhas na compreensão e escuta dos outros;
- Apreço inadequado pelos nossos Colaboradores;
- Termos permitido que as razões de poder tenham prevalecido sobre as razões de serviço;
- Apego pessoal excessivo aos bens da comunidade, etc.

¹⁹ Tg 5, 16

²⁰ Mt 18, 22.

2.3.5. Uma nova parceria

Actualmente, os Colaboradores e os Irmãos que trabalham juntos em parceria dão continuidade à missão de João. A Ordem já não se vê a si própria como se fosse formada apenas por Irmãos com a responsabilidade exclusiva da missão, mas em parceria com os seus Colaboradores. Isto é tão radical nas suas implicações que algumas instituições religiosas na Igreja, ou se aperceberam disso demasiado tarde, ou não estavam preparados para o desafio e abandonaram os serviços, ou entregaram-nos ao estado ou a outra entidade religiosa. Para a nossa Ordem, o processo de renovação, cuja parceria com os nossos Colaboradores foi um dos frutos, foi um risco, mas um risco que valeu a pena correr. Em termos da missão da Ordem, revelou-se uma experiência positiva, embora com as suas dificuldades: no entanto, valeram a pena o esforço feito e o investimento económico que ele implicou. O Capítulo Geral de 2006 declarou claramente que, para que a obra de S. João de Deus pudesse ter futuro como organização consistente, capaz de se expandir, com carácter internacional e multicultural, era essencial a transmissão dos seus valores aos Colaboradores.

Inspirado nos ensinamentos do Concílio Vaticano II e seguindo as sucessivas percepções teológicas que foram surgindo desde então, e talvez de modo particular graças à história do nosso Fundador, S. João de Deus, a Ordem, como já afirmei, começou a ver-se e a apresentar-se a si própria como uma “Família hospitaleira”.

O pedido apresentado pelo primeiro punhado de seguidores de João de Deus para se constituir como instituto religioso ocorreu possivelmente como meio de preservar a herança de João de Deus. Depois da morte do “fundador carismático, João de Deus”, havia o perigo de desintegração, como sucede muitas vezes com certos movimentos, ou ideias e novos modos de fazer as coisas. Seguindo o conselho de amigos verdadeiros que preservassem o legado de João, os seus seguidores pediram ao Santo Padre o reconhecimento como “Instituto religioso”.²¹ Sabemos, porém, que apesar de terem obtido o estatuto de instituto religioso, isso não evitou interferências de fora – poderíamos mesmo dizer que se tratou de intromissões – nos negócios internos do Instituto por parte de pessoas e determinados grupos com interesses diferentes. Por fim, a Santa Sé concedeu à Congregação de João de Deus a isenção da autoridade do Bispo local, deixando assim os Irmãos e a missão de estarem sujeitos à jurisdição do bispo local. Tudo isso foi feito para preservar a herança de João de Deus.

2.3.6. Uma estrutura para preservar a herança deixada por João de Deus

Quando João de Deus morreu, no dia 8 de Março de 1550, estava constituído um núcleo de “irmãos”, que eram, concretamente: Antón Martín, a cujos cuidados João, ao morrer, deixou os pobres e os doentes, Pedro Velasco, Simon de Ávila, Dominico Piola e Juan García.²² Eram homens totalmente dedicados a Cristo e aos pobres segundo a maneira de viver

²¹ G. Russotto, *San Giovanni di Dio e il suo ordine Ospedaliero*, Roma 1969, vol. 1, p. 116.

²² G. Russotto, *op. cit.*, Roma 1969, vol. 1, p. 111-112.

adoptada por João de Deus.²³ Outros, como Juan de Ávila, Angulo, eram casados, e outros eram voluntários. O primeiro grupo a cujos membros nós nos referiremos como “irmãos”, apesar de ainda não estarem vinculados através de votos religiosos, constituiu a “Fraternidade”, ou “Irmandade”, a que se refere o Papa S. Pio V e que se tinham reunido ao redor de João.

Quando estes homens se tornaram Religiosos, emitindo os votos como membros da nova Congregação de João de Deus, tornou-se necessária a separação física dos outros residentes da “Casa”. Contudo, não se tratava de uma separação do mundo, em sentido estrito, nem dos seus Colaboradores. O mais importante é que eles continuaram a cumprir os seus deveres hospitaleiros como antes. Após a transformação do pequeno grupo de discípulos de João de Deus numa congregação religiosa, as pessoas de Granada continuaram a ver “Irmãos a andar pelas ruas, procurando pessoas pobres e levando-as nos braços e às costas para o hospital onde cuidavam delas com grande amor. Todos sabem que os Irmãos recolhem os pobres nas ruas, os carregam aos ombros e os levam para o hospital”.²⁴

Inevitavelmente, alguns ajustes no estilo de vida dos primeiros Irmãos tiveram que ser feitos segundo a Regra da Congregação de João de Deus, que havia sido aprovada pouco tempo antes. É importante notar, porém, que em parte alguma se menciona que os Irmãos divergiram da inspiração original e do exemplo do seu Fundador, João de Deus, após a sua morte. Pelo contrário, como referi acima, as pessoas de Granada continuaram a ver os Irmãos *procurando pessoas pobres e levando-as nos braços e às costas para o hospital onde cuidavam delas com grande amor*. Obviamente, estes primeiros Irmãos de João de Deus deram um testemunho excepcional do Evangelho de misericórdia e viveram exemplarmente a sua vida como Irmãos hospitaleiros no seu amor ao serviço dos doentes e dos pobres.

2.4 O carisma da Hospitalidade

2.4.1. A marca oficial dos Irmãos – Fidelidade ao Carisma da Hospitalidade

Estes primeiros Irmãos e as gerações sucessivas de Irmãos hospitaleiros estavam totalmente empenhados em dar continuidade ao trabalho de João, não só em Granada mas até aos confins da Terra. A Ordem deu à Igreja, na pessoa dos seus Irmãos, muitos santos e mártires. Estes Irmãos deram testemunho de um modo de vida que conduz à santidade. Os mais recentes exemplos são os Mártires espanhóis e colombianos, José Olallo Valdés e Eustáquio Kugler. Porém, é sem dúvida imensamente maior o número de Irmãos não canonizados que viveram o mais alto ideal da sua santa vocação ao serviço dos pobres e dos doentes durante as suas vidas, com grande alegria, empenho e perseverança.

²³ Francisco de Castro, *História da vida e obras de S. João de Deus*, Trad. e notas de Fr. João Gameiro, O.H., Co-edição de Editorial Franciscana (Braga) e Hospital Infantil de S. João de Deus (Montemor-o-Novo), Braga 1982, Cap. 23.

²⁴ Cf. J. Sánchez, Martínez, O.H., *Kénosis-diaconia en el itinerario espiritual de San Juan de Dios*, pp. 292, 307, 393.

É a hospitalidade que define aquilo que nós somos. O nome oficial da nossa Ordem é: Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. O adjetivo “**Hospitaleira**” é a palavra chave neste título. A designação da nossa Ordem descreve o nosso carisma e o modo como vivemos a nossa vida consagrada. Porém, ao longo dos séculos, verificou-se na Ordem um movimento no sentido de um afastamento das formas antigas em que os Irmãos praticavam a hospitalidade. Por exemplo, as terceiras Constituições da Ordem, publicadas em 1587, diziam o seguinte acerca da hospitalidade:

*“O quarto voto [hospitalidade] é compreendido no significado de serviço aos doentes que são pobres e vão completar a perfeita vida cristã. Por isso, servindo os doentes pobres por este voto [de hospitalidade], nós estamos a servir o próprio Jesus Cristo”.*²⁵

Quatro séculos e meio mais tarde, as Constituições mais recentes (1984) afirmam:

“Pelo voto de hospitalidade dedicamo-nos, na obediência aos Superiores, à assistência aos doentes e necessitados, comprometendo-nos o prestar-lhes todos os serviços necessários, até os mais humildes e com risco da nossa própria vida, à imitação de Cristo, que nos amou até morrer pela nossa salvação..

*A nossa maior felicidade consiste em viver em contacto com os destinatários da nossa missão: acolhemo-los e servimo-los com a amabilidade, a compreensão e o espírito de fé que eles merecem como pessoas e como filhos de Deus; e pomos à disposição deles todas as nossas energias e todas as nossas capacidades, nas várias tarefas que nos são confiadas”.*²⁶

2.4.2. A hospitalidade é a nossa herança

O Carisma da Hospitalidade é uma virtude dinâmica enriquecido por aqueles que o assimilaram e viveram. A herança que nos foi transmitida através de S. João de Deus foi enriquecida e renovada por gerações sucessivas de Irmãos e Colaboradores, seguindo o seu exemplo e esforçando-se por responder às pessoas pobres e doentes que eles encontravam e serviam segundo o espírito e à maneira de S. João de Deus. Este dom é aquilo a que nos referimos hoje como **Carisma da Hospitalidade**. É interessante e encorajador vermos que a fidelidade ao longo dos séculos ao dom recebido conduziu os Irmãos a agir criativamente, com imaginação e empenhadamente, para responder às necessidades humanas que existiram nas diferentes épocas e nos mais diversos lugares.

O imperativo contido na Hospitalidade de S. João de Deus é que nunca viremos as costas a qualquer ser humano necessitado ou sofredor. Este imperativo foi mantido vivo e alimentado de modos diversos por gerações sucessivas de Irmãos apesar da “estrutura monástica” em que

²⁵ Cf. *Constituições Primitivas*, Cap. 35. [Tradução livre da versão não autorizada inglesa].

²⁶ *Constituições*, Roma 1984, art. 22.

eles viveram. Encorajados pelo Concílio Vaticano II para recuperar a inspiração original do Fundador, novas formas de expressar a Hospitalidade começaram a florescer como nunca antes tinha acontecido na história da Ordem.

Os primeiros cristãos compreenderam que os gentios também tinham recebido o mesmo dom que eles, isto é, a salvação através da fé em Jesus.²⁷ De modo semelhante, poderíamos dizer que aquilo que permitiu à Ordem o seu florescimento em termos de ministério foi o facto de a maioria dos Irmãos ter compreendido que também os nossos Colaboradores receberam o dom da Hospitalidade.²⁸ Tudo isso emergiu gradualmente, levando alguns anos, juntamente com uma reinterpretação do Carisma da Hospitalidade e do voto de Hospitalidade que trouxe vida nova, frescura, criatividade, imaginação e urgência à missão da Ordem.

2.4.3. Uma relação de total confiança

João manteve uma relação muito estreita com João de Ávila, o seu companheiro fiel a quem chamava “Angulo.” Poderia parecer que Angulo fosse um “mordomo”, uma espécie de gestor ou administrador em quem João confiava totalmente. Parece também que Castro se refere a Angulo na sua biografia de João de Deus quando fala de alguém que ele descreve da seguinte forma: *homem prudente e de boa vida, o qual morreu há poucos dias, depois de ter servido exemplarmente na casa durante muitos anos, e deu testemunho do que passou nessa jornada.*²⁹ É claro, segundo Castro e as Cartas de S. João de Deus, que se houve alguém que o acompanhou em todas as suas viagens, Angulo é esse alguém. Nas suas Cartas, João de Deus não deixa dúvidas quanto ao facto de Angulo ser o seu companheiro de viagem preferido.

João enviaria frequentemente Angulo em missões específicas para receber dinheiro ou levar a cabo algum outro negócio em seu nome. Obviamente, havia outros companheiros de confiança entre os Colaboradores de João, mas ele parece ter associado Angulo como seu companheiro – por exemplo, na viagem que os dois empreenderam até Toledo com as quatro mulheres que João de Deus procurava ajudar a renunciar a uma vida de prostituição. Dessa vez, como em tantos outros, Angulo destaca-se como alguém que estava particularmente próximo de João e tinha conquistado a sua confiança incondicional.

Não se ouve falar de haver um espaço especial reservado a João e aos seus companheiros na “Casa de Deus.” Na realidade, sabemos que João renunciou à sua própria cama e ofereceu-a a um homem pobre, porque a casa estava cheia. O último seu desejo era morrer entre os pobres, mas este seu desejo foi-lhe recusado pelo Bispo, a pedido de Dona Ana Osório, esposa de Garcia de Pisa.³⁰ Pelo seu amor partilhado, respeito e preocupação por João, obrigaram-no a ir para a Casa Los Pisa para ser adequadamente tratado. Contrariado, João obedeceu,

²⁷ Act 11, 1-18.

²⁸ Capítulo Geral de 2006.

²⁹ Francisco de Castro, *op. cit.*, Cap. XIII.

³⁰ Francisco de Castro, *ibidem*, Cap. XX.

renunciando aos próprios desejos, e obedecendo apenas à vontade de Deus, como lhe era indicado pelo Bispo.

TÓPICOS PARA DEBATE SOBRE O TEXTO

Capítulo 2. A história da renovação na Ordem

Para os Irmãos

1. Além dos mencionados no texto, quais são os elementos mais positivos que considera poderem ser atribuídos à renovação dentro da Ordem, particularmente depois do Concílio Vaticano II?
2. Quais são, pelo contrário, as atitudes negativas das quais ainda temos que nos “despojar” para assegurar uma renovação efectiva?
3. Há alguma coisa do passado de que sente falta e que, na sua opinião, deveria ser recuperada e reproposta uma vez mais?

Para os Irmãos e Colaboradores (Colaboradores por conta própria onde não há Irmãos)

1. Considera que a análise feita no texto evidencia as forças e fraquezas no processo de renovação da Ordem?
2. Acha que a exigência de renovação e tudo o que já foi feito foi pertinente e adequado?
3. Como acha que pode promover melhor o papel dos Colaboradores leigos na Ordem?

3. AS PERSPECTIVAS DE RENOVAÇÃO

3.1. A Ordem como “Família” – a *Família Hospitaleira*

Que tipo de estrutura existia durante a própria vida de João? Penso que terá sido como a de “uma família”. João refere-se a esse lugar como “Casa de Deus”, em quatro passagens das suas cartas, ou simplesmente como “Casa”, por dezasseis vezes, e “Hospital” em duas passagens. Se considerarmos como João administrava *a sua casa*, tratava-se de algo muito semelhante a uma família. Ele próprio se ocupava das tarefas caseiras, cuidando da casa, ouvindo, apaziguando, presidindo às orações e ganhando o pão.

*...Provia-os do necessário, logo de manhã, antes de sair... e, à noite, quando regressava a casa, por cansado que viesse, nunca se recolhia sem primeiro visitar todos os enfermos, um por um, e sem lhes perguntar como tinham passado, como estavam, de que precisavam, e, com palavras muito amoráveis, confortava-os, espiritual e corporalmente.*³¹ Prover às necessidades da casa e de mais de 110 hóspedes significa que João empregou a maior parte do seu tempo fora de casa a pedir esmolas. Alturas houve em que ele ficava fora de casa durante semanas e, no entanto, não há notícia de que, quando voltava, encontrasse caos ou problemas bichados para resolver. Pareceria que a casa era administrada da mesma maneira na sua ausência, e com as mesmas regras, como quando ele estava presente. Fica-se com a impressão de que na *Casa de João* reinavam a harmonia, a paz e a *hospitalidade*, quer ele estivesse presente quer estivesse ausente.

Nos mais recentes documentos e declarações de Capítulos Gerais, a Ordem definiu a sua própria natureza como sendo composta de Irmãos e Colaboradores.³² O Capítulo Geral de 2006 declarou em termos inequívocos, que “*os Irmãos e Colaboradores estão unidos na missão e no carisma*”.³³ Com os nossos Colaboradores, estamos empenhados em cultivar e promover os valores da pessoa humana, em aprofundar a cultura da hospitalidade. Temos muitas coisas em comum com os nossos Colaboradores, partilhamos os mesmos valores e estamos unidos em missão, de forma que quase naturalmente falamos de nós mesmos como pertencendo à *Família de S. João de Deus*. É interessante notar que a Conferência Internacional de Religiosos tem uma ideia semelhante, tendo declarado recentemente: “*Consideramos que a vida consagrada tem de sair das fronteiras dos nossos institutos, da nossa fé católica, da nossa fé cristã. Por conseguinte, unimo-nos aos nossos irmãos leigos que partilham o nosso Carisma, de tal forma que não nos identificamos como Ordem ou Congregação, mas como família, partilhando a nossa vida e a nossa missão*”. Julgo que esta é também a nossa experiência; apesar de muitos dos nossos Colaboradores não partilharem a nossa fé, eles estão muito empenhados na obra de S. João de Deus e partilham a nossa

³¹ Francisco de Castro, *op. cit.* Cap. XII e XIV.

³² Cf. *Irmãos e Colaboradores Unidos para Promover e Servir a Vida* (o n.º 6 é dedicado à definição de “Colaboradores”).

³³ Capítulo Geral de 2006, *Declarações – Missão da Ordem*, 2c.

filosofia e os nossos valores, de modo que se sentem mais à vontade com a expressão *Família de S. João de Deus*. Definir-nos a nós mesmos desta forma é, no meu modo de entender, uma outra expressão da hospitalidade que professamos.

3.1.2. Aprendendo dos Irmãos missionários

Podemos observar outro factor interessante, em termos de como novas experiências influenciaram o modo como exercemos o nosso ministério. Antes de os Irmãos da Europa terem começado a ir, digamos assim, para a “Praça do Mercado”, ao serviço da Hospitalidade, os Irmãos missionários já estavam habituados a fazer isso. Dado que muitas pessoas pobres e doentes não podiam dirigir-se ao hospital, os Irmãos e Colaboradores, sentindo-se impelidos pelo exemplo de S. João de Deus, organizavam ambulatórios móveis e começaram a ir para as aldeias remotas e colónias de leprosos (como eram conhecidos naquele tempo) para levarem comida, medicamentos e prover a outras necessidades dos doentes e das crianças. Como sempre, foi para responder às necessidades urgentes das pessoas que eles tinham ido evangelizar através de serviços de caridade que os Irmãos começaram a abandonar o modelo tradicional que era habitual na Europa. Estas actividades levadas a cabo pelos missionários hospitaleiros provocaram um debate sobre a natureza da hospitalidade que foi enriquecedor para toda a Ordem e conduziu a uma melhor compreensão da **Hospitalidade de S. João de Deus** tal como a experimentamos hoje. Estes Irmãos tornaram-se pioneiros no âmbito de novas abordagens nas áreas da saúde mental, dos cuidados paliativos e *hospice* para doentes terminais, nos programas de ortopedia e reabilitação, assim como de nutrição e medicina preventiva, no campo educacional e oportunidades de formação para crianças e adultos com dificuldades de aprendizagem, propondo programas de animação e assistência aos idosos, abrigos nocturnos, trabalho para imigrantes e muitas outras iniciativas.

3.2. Rumo à renovação

Há um número infinito de maneiras de expressar a hospitalidade – na realidade, elas são infinitas: tantas quantas as necessidades humanas. Este facto requer que sejamos criativos, imaginativos, perspicazes e não-institucionais nas nossas abordagens. Além disso, e isto é muito importante, quanto maior for o número de pessoas que, como seguidores de João de Deus, se deixam impregnar pelo seu exemplo e motivar pela sua vida, mais cura e esperança entrará nas vidas dos nossos irmãos e irmãs que sofrem.

A resposta da Família Hospitaleira às novas necessidades e àquelas que ainda não obtiveram resposta está a aumentar constantemente em todo o mundo, ao mesmo tempo que se mantêm as expressões tradicionais de hospitalidade. Por conseguinte, aumentaram também os membros da Família de S. João de Deus para acompanhar o desenvolvimento de serviços – refiro-me aqui ao número de leigos, isto é, de Colaboradores. Com o aumento do número de serviços e, paralelamente, do número de Colaboradores, surge a necessidade de transmitirmos aos Colaboradores os valores da Família Hospitaleira de S. João de Deus. A formação de

Colaboradores é, por conseguinte, uma questão de grande importância para o futuro da Ordem e a sua missão e deve abranger a vida de S. João de Deus, uma compreensão clara da sua missão, o conhecimento da história, a filosofia, o *ethos* e os valores da Ordem.

Para fazer coincidir *o rosto da Ordem em mudança*, que se tem vindo progressivamente a revelar, com os serviços em constante expansão que ela oferece em todo o mundo, surgiu um novo vocabulário, com termos e expressões como Colaborador, em sentido diferente do de funcionário; missão, em vez de apostolado; valores que sustentam e guiam a missão e, obviamente, *Família hospitaleira*.

3.2.1. “Começar de novo”

Acredito que é verdade dizer que a Ordem hospitaleira de S. João de Deus foi refundada, que renasceu e se reinventou com “*um novo rosto*”. Não teria sido esta a intenção dos seus membros, mas é o que realmente aconteceu devido a uma busca incessante feita ao longo dos séculos para conhecer e fazer a vontade de Deus. Por isso, também é verdade que este processo não terminou, mas que está em evolução, vai amadurecendo, e nunca se pode dar por terminando. O perigo, ou tentação, em determinado momento, seria procurar uma fórmula para tentar “fixá-lo” definitivamente – como se fosse possível deter a onda de mudança. Isto pressuporia que se conhecessem as feições e o aspecto que a Ordem deveria ter. Seria presunção. Ninguém sabe como é que a Ordem será no futuro. O futuro, como o presente, está nas mãos de Deus. O apelo é para estarmos num estado constante de conversão, escutando Deus nos nossos corações e como nos Ele fala através da Igreja e por meio dos nossos companheiros, Irmãos e Colaboradores. Precisamos de ouvir o Povo de Deus, especialmente as pessoas que sofrem. Serão elas a nossa universidade.³⁴ É preciso procurar ler e interpretar constantemente os sinais dos tempos para nos certificarmos daquilo que Deus nos pede num determinado momento da história. O que acontecer será obra do Espírito Santo, com a nossa ajuda, por mais pobres e limitados que sejamos. De facto, Deus, na sua sabedoria, decidiu que a nossa colaboração é essencial para a realização dos seus planos. É isto o que nos motiva a cooperar com Ele, com calma e serenidade. É esta convicção que nos dá um sentido de privilégio, de entusiasmo e alegria que libertam energias frescas. Todos os dias representam uma oportunidade para “começarmos de novo” no sentido que cada dia traz novas oportunidades para fazermos o bem, *e nunca deveríamos deixar de fazer o bem enquanto pudermos* (S. João de Deus, *Cartas*, 1DS, 13).

3.2.2. A que ponto estamos agora em termos de renovação?

Como sabeis, o Governo Geral tornou a renovação da Ordem numa prioridade para este mandato. Quando falarmos de renovação, devemos lembrar-nos que há cinco grupos distintos na Ordem a ser considerados. Entre os Irmãos, há dois grupos: aqueles que participaram no

³⁴ Cf. Ir. Pierluigi Marchesi, *Humanização*.

processo de renovação imediatamente depois do Concílio Vaticano II, e aqueles que entraram para a Ordem quando o processo já não era sequer mencionado e as pessoas se habituaram à ideia de “que o mundo está a mudar e nós temos que mudar com ele” (Presidente Obama). É mais cómodo habituar-se à ideia de terem que se adaptar e actualizar. Quer tenhamos consciência disso, quer não, a renovação, do mesmo modo que a conversão, é algo que precisa de ser constante. Além disso, onde quer que tenhamos uma presença, as exigências são grandes, a resposta é proporcional aos recursos disponíveis, a qualidade dos serviços prestados mantém-se elevada e são firmes os compromissos.

Entre os Colaboradores há também dois grupos. Um é composto por aqueles que poderíamos considerar *fruto do processo de renovação* e que desempenham agora cargos de grande responsabilidade na Ordem, relacionados com os aspectos da sua missão de Hospitalidade. O segundo grupo de Colaboradores, nos continentes da Europa, América do Norte e Oceânia, juntam-se à Ordem num momento em que os Irmãos são poucos e vistos como figuras simbólicas. Ao mesmo tempo, nos outros continentes – América Latina, África e Ásia – existe ainda um número considerável de Irmãos. Temos, ainda, os Colaboradores que se encontram numa situação idêntica, ou muito semelhante, à dos seus antecessores, antes que o processo de renovação começasse, após o Concílio Vaticano II. Finalmente, o quinto grupo é constituído pelos nossos hóspedes e as suas famílias, e pelos destinatários da nossa ajuda, quando necessitam dela, além dos nossos voluntários, apoiantes e benfeitores.

Este quadro mostra um leque muito vasto de pessoas abrangidas pela Ordem numa verdadeira expressão de hospitalidade. Como a hospitalidade está no cerne da Família de S. João de Deus, ela está destinada a continuar a crescer e a expandir-se neste sentido. Não fazer isso seria como que cortar a fonte de vida, por assim dizer, isto é, as pessoas – as pessoas em necessidade e as que têm o dom de irem ao seu encontro em espírito de serviço. Devido a esta compreensão de si mesma e da sua razão de ser, que a levou a abrir-se ao mundo, a Ordem mudou, e mudou radicalmente, nos últimos cinquenta anos. A grande questão, o grande desafio dos nossos dias, é como manter vivo o espírito, como manter-nos focalizados na missão e permanecermos fiéis à inspiração original que é S. João de Deus.

Se olharmos para a Igreja como Povo de Deus, todos, incluindo os Colaboradores, têm responsabilidade ou, como afirma o Concílio, o *dever magnífico*³⁵ de trabalhar para a missão da Igreja. Isto coloca o Religioso no papel de dar um testemunho profético vivo do que é essencial no Evangelho. Pela sua opção e estilo de vida e de agir, o Religioso demonstra o que é essencial na vocação de seguir a Cristo, a vocação de cada um, que o identifica como cristão, isto é, seguidor de Jesus, para a santidade.

O papel futuro dos Religiosos na Família de Deus, ou do Povo de Deus, pode ser mais propriamente comparado ao fermento no pão. Só uma pequena parte de fermento é necessária para produzir o resultado esperado – fazer levedar toda a massa. Da mesma maneira, para exercer uma influência positiva, não é indispensável um grande número de Religiosos. O que é necessário é que os Religiosos dêem um testemunho vivo do seu seguimento radical de

³⁵ Lúmen Gentium, II, n.º 13.

Jesus e manifestem claramente o dom especial, ou carisma, que receberam para a Igreja. A **Hospitalidade segundo o estilo de S. João de Deus**, por exemplo, é um dom de Deus à a sua Igreja para permitir que ela cumpra a sua missão de evangelização ao serviço da humanidade. O papel dos Irmãos é o de serem companheiros, com os Colaboradores, tornando-se ao mesmo tempo consciência crítica, guias morais e uma presença profética aberta e flexível.

Um desenvolvimento bem-vindo, mas que constitui ao mesmo tempo um desafio, em termos de renovação, é o carácter internacional que a Ordem assumiu. Quando começou o processo de renovação, depois do Concílio Vaticano II, a responsabilidade dos centros e serviços da Ordem nos “territórios de missão” estava nas mãos dos Irmãos – na sua maioria, europeus. As iniciativas missionárias, nos anos cinquenta, promovidas em grande parte pelo Ir. Moisés Bonardi, antigo Superior Geral, não tinham ainda dado frutos em termos de vocações indígenas.

Como já referi, temos hoje um grupo muito mais diversificado dentro da Ordem a considerar no momento de planificar ou iniciar um processo de renovação. A Família de S. João de Deus nunca foi tão semelhante a uma romã – que tem como símbolo –, como actualmente. Com isto, refiro-me à grande variedade de ministérios ou serviços que a Ordem fornece, hoje mais do que nunca na sua história passada, e com um nível de profissionalismo que era inconcebível quando terminou o Concílio Vaticano II. Isto é algo que nos deve alegrar, e que devemos celebrar e agradecer, porque é revelador de vida, crescimento e de novas formas e modos diversos de expressar a hospitalidade. Isto, mais do que qualquer outra coisa, é fruto do processo de renovação na medida em que demonstra vontade, flexibilidade e capacidade de responder às necessidades das pessoas de uma forma determinada e organizada.

Uma outra realidade que precisamos de ter em conta é a diversidade das pessoas, Irmãos e Colaboradores, que compõem a Família de S. João de Deus. Cada um traz consigo os próprios dons e talentos particulares e isso enriquece a Hospitalidade. A Ordem está presente em muitas partes do mundo altamente desenvolvidas, mas onde prevalecem a secularização e o relativismo – impedindo e obstruindo a renovação.

Algumas das principais mudanças que emergiram do compromisso no processo de renovação são:

- Uma mudança dramática na maneira de a Ordem realizar a sua missão de Hospitalidade;
- Uma mudança no modo de nos vermos como Ordem de Irmãos na Igreja;
- Mudanças na maneira de rezar, no estilo de vida dos Irmãos e no modo de nos relacionarmos uns com os outros, e de vivermos em comunidade;
- Reconhecimento de que o *dom da hospitalidade* não é propriedade exclusiva dos Irmãos, mas que outros, os Colaboradores, também recebem este grande dom;
- O entendimento do papel do laicado na Igreja, que conduziu a um esforço combinado para a integração de Colaboradores e Irmãos na missão da Ordem;
- Os Irmãos e os Colaboradores estão unidos em missão,
- O facto de a Família de S. João de Deus assumir um verdadeiro significado.

Quando Jesus desejava comunicar ao seu auditório questões complexas, utilizava parábolas. As parábolas de Jesus são histórias muito simples, fáceis de recordar, frequentemente com imaginação humilde, cada uma delas contendo uma única mensagem. Ao mesmo tempo, as parábolas de Jesus não são meras *histórias* simples, porque contêm em si mesmas um desafio muito real para os ouvintes, exigindo uma reflexão profunda. Quero utilizar a parábola do filho pródigo³⁶ para explicar de modo sumário onde nos encontramos em termos do processo de renovação. Na parábola do Filho Pródigo, como é narrada por Jesus, existem vários personagens: os espectadores, os criados, o pai e os seus dois filhos.

Em termos de renovação, há alguns que muito bem poderiam ser descritos como “espectadores.”³⁷ Eles não impedem o processo de renovação, mas também não se deixam envolver nele de boa vontade. Poderia parecer que estão à espera do retorno dos bons velhos tempos quando, uma vez mais, teríamos os noviciados cheios e as coisas poderiam voltar ao “normal”. Neste caso, são como “o filho primogénito”: trabalharam muito mas sentem um certo ressentimento, ou ciúmes, quando vêem os Colaboradores a assumir papéis de liderança que outrora competiam apenas aos Irmãos.

Depois, há “os criados”, isto é, homens e mulheres, a maioria silenciosa, que todos os dias continuam fielmente a obra de S. João de Deus numa vasta variedade de modos. Estas pessoas representadas na figura do “filho pródigo” querem ocupar-se dos seus afazeres, ser livres, aceitam poucas responsabilidades e o mínimo de responsabilidade.

Temos, por fim, “o pai”, que é uma maravilhosa imagem do nosso Pai do Céu, de braços bem abertos num grande gesto de acolhimento, perdão e hospitalidade. Ele acena a todos nós para irmos com ele cuidar das necessidades dos nossos irmãos e irmãs que sofrem e estão à espera, aguardando, esperando. Quem são as pessoas representadas pela figura do “pai”? Se formos honestos connosco mesmos, penso que cada um de nós se pode ver reflectido alguma vez em cada uma das figuras que acabo de descrever.

Eu acredito que *chegou o momento* de todos trabalharmos em conjunto para nos renovarmos a nós mesmos, de renovarmos as nossas comunidades e os nossos centros, de modo que possamos ser verdadeiramente instrumentos de salvação e esperança para as gerações de irmãos e irmãs que sofrem – a presente e as futuras.

3.2.3. João de Deus redescoberto!

O processo de renovação que a Ordem inaugurou após o encerramento do Concílio Vaticano II levou-nos de volta ao princípio e, no princípio, está João! Viajando com João de Deus, a Ordem ganhou uma perspectiva muito importante: **é a Hospitalidade que confere à Ordem**

³⁶ Lc 15, 11.32.

³⁷ Na representação de Rembrandt do retorno do Filho Pródigo, há um grupo de espectadores curiosos, além das três figuras principais da história. Embora não sejam mencionados na própria parábola, é possível imaginar que as pessoas do lugar, tendo ouvido dizer que o filho pródigo tinha voltado para casa, teriam ido ver cuidadosamente como o pai o recebera. Dessa forma, ficariam com uma sugestão, uma “deixa”, para o receberem da mesma maneira na sua comunidade.

a sua identidade. A Hospitalidade está no cerne da nossa Família Religiosa. Uma outra visão, então adquirida, é que, como Religiosos, nós situamo-nos no coração da Igreja e, ao mesmo tempo, na fronteira da sua missão de evangelização. “*A caridade não é uma espécie de actividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência*”.³⁸

A “redescoberta” de S. João de Deus foi o que redefiniu a forma como a nossa Ordem evoluiu mais do que qualquer outra coisa após o Concílio Vaticano II. Este foi o evento mais estimulante de todos, e mudou tudo. Não foi por acaso que a um documento publicado pela Cúria Geral durante esta intensa fase de renovação fosse posto o título “João continua vivo” (1992).

A parábola do Bom Samaritano³⁹ contada por Jesus constitui a imagem mais duradoura do que é essencial no Evangelho de Misericórdia que S. João de Deus encarnou pessoalmente. Porém, nenhum judeu responsável ligaria, na mesma frase, as palavras “bom” e “Samaritano”. Para os judeus, a palavra “Samaritano” evocava na sua mente tudo aquilo que eles consideravam de mau gosto e desprezível acerca dos Samaritanos.

É fácil perceber por que a parábola do Bom Samaritano forneceu conteúdo para meditação e se tornou numa fonte rica de alimento espiritual e vocacional para gerações de Irmãos – as palavras usadas por Jesus – *aproximou-se, limpou, ligou-lhe as feridas (deitando nelas azeite e vinho), ligaduras, colocou-o na sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele* – referem-se a tudo o que são características da hospitalidade como nós a entendemos. O próprio Jesus, como Filho de Deus, era o epítome da acção hospitaleira de Deus.

Porém, quando o recém-chegado, João Cidade, começou o seu trabalho com os pobres de Granada, foi tratado do mesmo modo como os Samaritanos do tempo de Jesus eram tratados pelos judeus: foi marginalizado e desprezado. Depois, a pouco e pouco, à medida que as pessoas de Granada iam observando João dando as suas voltas diárias para cuidar dos desterrados da cidade, começaram a mudar a percepção que tinham dele. Por fim, porque ele se assemelhava ao *Samaritano*, no sentido que entendemos hoje o termo, não só lhe chamariam “BOM”, mas foram até ao ponto de o denominarem “DE DEUS” – João DE DEUS.

3.2.4. A importância da comunidade religiosa

Uma quantidade de coisas está a acontecer ao mesmo tempo, afectando a maneira como os Irmãos vivem em comunidade. Em muitos dos centros ou serviços da Ordem existe apenas um pequeno número de Irmãos; alguns não têm mais que um ou dois Irmãos, e outros não há mesmo nenhum. Não é raro que um Irmão descubra que ele é o único Irmão que trabalha num determinado centro ou serviço. Na realidade, muitas das nossas comunidades são formadas em média por 5-7 membros, alguns dos quais são idosos ou estão doentes, e muitas

³⁸ Bento XVI, *Deus Caritas est*, 25a.

³⁹ Lc 10, 29-37.

comunidades têm mesmo menos de 5 Irmãos. Por isso, a residência da comunidade, construída para um grupo numeroso de membros, precisaria de ser reestruturada de modo a tornar-se mais confortável, simples e acolhedora para os Irmãos. A casa da comunidade é a casa dos Irmãos e, por conseguinte, deveria ser confortável, oferecendo um ambiente acolhedor, favorável à oração e ao relaxamento.

A comunidade religiosa como tal tem um papel muito importante a desempenhar na missão da Ordem, e isso por várias razões. Gostaria de chamar a atenção apenas para algumas delas:

a) A missão da comunidade. Se as nossas comunidades devem ser vitais e dinâmicas, precisamos de promover um tipo aberto de comunidade, mas que também respeite a privacidade dos seus membros e a residência dos Irmãos. Os visitantes, membros da família e Colaboradores, poderiam ser convidados para certas celebrações. Seria uma boa ideia que os Colaboradores que desempenham um papel de liderança no serviço, ou centro, ligados a uma comunidade, como Director e outros, se reunissem com os Irmãos na comunidade com alguma regularidade. A ocasião poderia ser uma refeição, um serviço de oração especialmente preparado, uma informação partilhada pelo Colaborador seguida de uma discussão aberta sobre assuntos pertinentes à vida e ao trabalho do Centro.

Além de receber informação actualizada sobre assuntos relativos ao Centro, os Irmãos teriam também a oportunidade de partilhar as preocupações, intuições e perspectivas para o futuro. Esta partilha inspiraria e encorajaria os nossos Colaboradores a serem fiéis à missão do Centro e daria um testemunho autêntico daquilo que reside no coração da nossa missão de hospitalidade. Este tipo de encontros demonstraria também que, apesar de a comunidade religiosa não ter responsabilidades administrativas no centro, os Irmãos partilham a responsabilidade com os Colaboradores através do Carisma da Hospitalidade. Demonstraria, além disso, que os Irmãos estão interessados – e preocupados – com o que acontece no Centro e com o bem-estar de todos os que lá recebem tratamento ou cuidados de saúde. Seria igualmente um modo tangível de a comunidade mostrar o seu apoio e apreço pelos Colaboradores que diariamente dão continuidade à obra de S. João de Deus.

b) A comunidade Religiosa como ponto de referência. Este é um papel que as nossas comunidades estão a ser chamadas a exercer hoje mais do que nunca no passado. Com a expansão dos serviços, o número de Colaboradores que trabalham nos nossos serviços é cada vez maior. Inversamente proporcional ao número de homens que pedem para se unir à nossa Fraternidade, esta tendência continuará à medida que a Ordem se esforça por responder às novas necessidades que não encontraram ainda resposta. A Comunidade Religiosa, por conseguinte, é como a levedura, embora pequena, chamada viver e dar testemunha da verdadeira natureza da missão da Ordem. Além disso, a comunidade religiosa é um “poço de energia espiritual” que irradia os valores do Evangelho, especialmente a misericórdia, a compaixão e, obviamente, a hospitalidade. A presença dos Irmãos, o seu estilo de vida, a sua atitude para com os Colaboradores e a humanidade sofredora, que é concretamente demonstrada através da acção, é uma admoestação constante para os nossos Colaboradores de que o serviço que, conosco, eles proporcionam às pessoas, não é meramente um serviço

social mas também um serviço espiritual, um ministério da Igreja.⁴⁰ Os Colaboradores, unidos aos Irmãos em missão, mesmo em centros onde não há nenhum Irmão presente, continuam a obra de S. João de Deus. Trata-se de “*um ofício verdadeiramente espiritual, um dever essencial da Igreja, o do amor bem ordenado ao próximo*”.⁴¹ Como o Santo Padre afirma mais à frente, na mesma encíclica, a “*a caridade não é uma espécie de actividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência*”.⁴²

c) *O Irmão de S. João de Deus relaciona-se com as pessoas mantendo a mesma abordagem que João de Deus teve para com elas, considerando-as a todas como seus irmãos e irmãs. Um dom particular que os Irmãos receberam é o de irmanar. Ser irmão um do outro e irmanar todos aqueles com se relacionam e se encontram no centro ou serviço. A presença emblemática do Irmão hospitaleiro mantém viva aquela relação especial que João de Deus estabelecia com as pessoas assistidas na sua Casa de Hospitalidade, com as pessoas que trabalhavam com ele e com os seus benfeitores. Ele considerava-se a si mesmo como irmão de todos e considerava as outras pessoas como seus irmãos e vizinhos. Quando se deslocou à Corte de Valladolid para ser recebido pelo Príncipe e foi levado à sua presença, João saudou-o, dizendo: “Senhor, eu costume chamar a todos irmãos em Jesus Cristo. Vós sois o meu Rei e o meu senhor, e tenho de obedecer-vos. Como quereis que vos chame?”*⁴³

Quando João andava pelas ruas a pedir esmola dirigia-se a todas as pessoas que encontrava chamando-lhes “irmão” ou “irmã”. A fraternidade é um valor fundamental e um elemento essencial no estilo de vida de S. João de Deus. Todos aqueles que trabalham nos nossos Centros são convidados a criar uma atmosfera familiar nas instalações dos nossos Centros/Serviços, nas quais todos devem sentir que estão a ser tratados com carinho, amados e respeitados, independentemente de lá haver ou não haver Irmãos a trabalhar.

3.3. Colaboradores/Missão

3.3.1. Tanto os Irmãos como os Colaboradores receberam o dom da Hospitalidade

O Colaborador, independente do seu background cultural ou das suas convicções religiosas, introduz na prática de hospitalidade os dons e a sua competência profissional que enaltece a sua expressão. Quer os Irmãos quer os Colaboradores receberam o dom da Hospitalidade e estão unidos em missão para formar um *rio imenso*, como se fosse um rio de Hospitalidade que limpa, cura e dá esperança numa melhor qualidade de vida às pessoas por nós assistidas segundo o espírito e à maneira de S. João de Deus.

⁴⁰ Cf. Bento XVI, *Deus Caritas est*, 25a.

⁴¹ Bento XVI, *idem*, 21.

⁴² *Idem*, 25a.

⁴³ Francisco de Castro, *op. cit.*, cap. XVI.

Um rio não é só um grande caudal de água; é formado por imensas gotas minúsculas de água. Da mesma maneira, a Hospitalidade é formada pelo investimento pessoal de cada Irmão e por cada Colaborador que a exerce. Quando a Hospitalidade é praticada, quem a exerce torna-se hospitalidade para a pessoa que é servida, da mesma forma que João de Deus se tornou hospitalidade para as pessoas por ele servidas em Granada.

3.3.2. Formação de Colaboradores e clareza sobre a missão

Seguindo estas mesmas linhas, declarei na minha alocução de abertura dos Capítulos Provinciais que:

- a) Todos os Colaboradores devem ter claro que a Igreja promove as nossas Instituições, desde o princípio das suas ligações com a Ordem e ao longo da sua história. Um de nossos principais objectivos, por conseguinte, consiste em dar testemunho de Jesus Cristo, apresentar um rosto da Igreja que ama, misericordioso, que se preocupa, e transmitir a mensagem de salvação através das nossas palavras e, acima de tudo, mediante as nossas acções.
- b) Na comunhão que nos define como Igreja, temos um conceito plural de vida: assumimos que os nossos centros são centros de saúde, respeitamos todos aqueles que os frequentam, amamo-los e servimo-los em tudo e por tudo.
- c) As mesmas circunstâncias profissionais envolverão pessoas que partilham valores semelhantes aos nossos para o projecto. Consideramos que as pessoas que estão unidas à Ordem devem respeitá-la, aderir ao que é bom e promover os princípios que a definem, respeitando sempre a liberdade de consciência de cada um. A Ordem elaborou uma definição de princípios a partir dos quais opera, iluminada pelos ensinamentos da Igreja, tendo em conta a legislação de cada país onde se encontra presente. Os Irmãos e Colaboradores, como representantes da Ordem, devem participar na elaboração de tais princípios.
- d) Como Instituição, devemos estar interessados em encorajar um sentido de pertença e identificação com o espírito de S. João de Deus. A este respeito, a Ordem promove através do mundo um grande número de iniciativas e, de modo especial, promoveu uma série de reflexões para nos iluminar, como Ordem e como família.
- e) Sabemos que para assegurar uma gestão e administração correctas dos nossos centros, o tipo de gestão que desejamos alcançar, de acordo com nossos valores, o tipo de administração que desejamos, deve ser carismático. Estamos confrontados com o desafio representado por esta realidade e temos que o encarar de forma coerente com o Evangelho.
- f) O foco central do nosso carisma é a pessoa – independentemente da doença ou necessidade que nos apresentam para serem assistidos. Por outro lado, há as pessoas do Irmão e do Colaborador, que devem ter a competência necessária para prestar a

assistência. Em tudo, todos os membros da Ordem devem assumir um forte compromisso para encontrar um modo saudável de vida.

Com este plano, criamos uma dimensão de Hospitalidade que não só se refere a nós, do ponto de vista profissional e da nossa missão, mas também à nossa própria realidade específica.

3.4. Os desafios

A teóloga Sandra M. Schneiders escreveu que *“a Vida Religiosa é idealmente um testemunho profético fundamental na Igreja do tipo de comunidade que Jesus pretendia. A família que ele fundou não era só um grupo de amigos, mas uma comunidade mutuamente responsável, em missão, e com um ministério partilhado. Incluía algumas pessoas ligadas por laços de sangue, mas a maioria não tinha esse tipo de ligação. Incluía pessoas de passagem e outras com residência permanente. Alguns membros viviam juntos e outros separadamente. Mas o que todos tinham em comum era a fé e o amor por Jesus, além do seu compromisso pelo seu Reino e a vontade de dedicar as suas vidas àqueles que amavam, como Jesus os tinha amado.”*⁴⁴

Do mesmo modo, a Família de S. João de Deus contém em si mesma uma grande variedade e riqueza que permitem que a Ordem seja fiel à sua missão. Muitas Instituições Religiosas estão hoje a começar a identificar-se como uma Família. Compreensivelmente, por uma variedade de razões, alguns religiosos consideram individualmente que é difícil pôr isso em prática. Para mim, porém, isto representa um novo começo para a vida religiosa, não o fim. Os que se formaram segundo maneiras antigas e quantos trabalham a partir de um modelo diferente de Igreja podem ter dificuldade em ver o futuro da vida religiosa como *uma Família*. No entanto, num espírito de diálogo, procurando genuinamente a vontade de Deus em tudo, a diversidade de opiniões e ideias não têm necessariamente de criar divisão; pelo contrário, podem ser um instrumento que nos convida a uma reflexão mais profunda sobre quem somos, a nossa missão e a realidade do mundo no qual vivemos e exercemos a nossa missão.

3.4.1. Fidelidade à nossa identidade hospitaleira

Esta situação requer renovação, estudo e diálogo para podermos enfrentar o futuro com esperança: *“A grande, verdadeira esperança de homem que o mantém firme apesar de todas as decepções, só pode ser Deus – Deus que nos amou e que continua a amar-nos até ao fim, até que tudo esteja cumprido”*.⁴⁵ *“A fidelidade à nossa identidade hospitaleira requer de cada Irmão uma formação integral, sólida e permanente, de acordo com as aptidões pessoais e com as condições de cada tempo e lugar, para que possa corresponder às exigências da sua*

⁴⁴ Sandra M. Schneiders, conhecida teóloga dos E.U.A., na sua obra sobre a Vida Religiosa intitulada: *“Selling Out”*.

⁴⁵ Bento XVI, *Spe Salvi*, 27.

própria vocação”.⁴⁶ Isto pode aplicar-se aos Colaboradores que desejam unir-se à identidade hospitaleira e ser os guardiães do carisma que anima o trabalho da Ordem.

Em espírito de serviço à Ordem, precisamos de continuar com um diálogo sincero, escutando a voz do Espírito, esforçando-nos por ler e interpretar os sinais dos tempos. Deste modo, em conjunto com os nossos Colaboradores, podemos moldar um futuro que dará maior ênfase ao conceito de Família Hospitaleira. Isso deveria levar-nos a manifestar através de acções o nosso compromisso de trabalhar pelo advento do Reino de Deus através da prática da Hospitalidade, segundo o estilo de S. João de Deus, trabalhando em parceria com os outros membros da Família Hospitaleira.

Este é um novo e estimulante desafio que nós, os Religiosos, enfrentamos nos dias de hoje, e que faz plenamente sentido quando o encaramos à luz do Evangelho,. Porém, será necessário ter coragem para sermos profetas, testemunhas do evangelho e hospitaleiros. Precisamos de rezar como o Santo Padre sugere na encíclica *Spe Salvi*: “*Não basta sair da história e retirarmo-nos no nosso cantinho privado de felicidade*”.⁴⁷ Através da oração, o nosso coração amplia-se e fica limpo; passamos a ser capazes de grande esperança e de acolher a Deus e aos nossos Colaboradores e, juntamente com eles, estudar os valores da Nossa Família e viver estes valores apaixonadamente, apoiando-nos uns aos outros, nas nossas diferentes vocações, dentro de uma só Família.

3.4.2. A dimensão internacional

Conforme já disse, quando o Concílio Vaticano II foi encerrado, em 1965, quase todas as responsabilidades pela missão da Ordem recaíam sobre os Irmãos, na sua maioria europeus; quanto aos países em desenvolvimento, as iniciativas missionárias implementadas nos anos cinquenta não tinham ainda dado os seus frutos em termos de vocações indígenas para a nossa Fraternidade.

No início do terceiro milénio, porém, tudo mudou. Somos agora verdadeiramente um organismo internacional. A Ordem está presente em mais de cinquenta países em todo o mundo, e mais de trinta desses países estão em desenvolvimento, Por conseguinte, como parte da nova visão, renovação e planificação do futuro, precisamos de ter em conta esta nova realidade. Já não somos uma Ordem centrada na Europa, mas temos características verdadeiramente internacionais, com Irmãos de exactamente cinquenta e seis países diferentes de todos os cinco continentes. Os mais de 40.000 Colaboradores não representam apenas todos os países onde a Ordem está presente, mas muitos mais, devido à imigração e a outros factores que facilitam o transpor das fronteiras.

⁴⁶ Constituições (1994), 55.

⁴⁷ Bento XVI, *Spe Salvi*, 33.

3.4.3. Cooperação interprovincial e internacional

O nosso futuro depende da capacidade e vontade que tivermos para trabalhar em conjunto com os nossos Colaboradores, colaborando através das fronteiras Provinciais e trabalhando em rede com outras agências e grupos. É da cooperação para além das fronteiras Provinciais e na partilha dos recursos disponíveis que depende o futuro da Ordem; caso contrário, a presença da Ordem deixará progressivamente de existir em muitos países, não só nos países em desenvolvimento, mas também nos países industrializados. Refiro-me à sobrevivência, não à nossa sobrevivência; Deus, Nosso Senhor, encarrega-se disso. Também não me refiro à sobrevivência da Ordem, porque ela está nas mãos de Deus: falo da sobrevivência do Carisma.

Para que o Carisma da Hospitalidade continue vivo, e não apenas para que sobreviva, mas para que se manifeste de maneira a responder às diversas necessidades das pessoas, duas coisas são essenciais. Em primeiro lugar, que haja pessoas que, devido ao seu compromisso com João de Deus e a sua obra, desejem assegurar que ele continue no futuro para o bem de humanidade e, por conseguinte, se dediquem a este objectivo. Em segundo lugar, que seja assegurada a transmissão dos valores à próxima geração.

3.5. O futuro?

Seria certamente necessário ser profeta para prever o futuro da Vida Religiosa. Uma coisa é certa: o futuro será diferente do actual, do mesmo modo que a Ordem é hoje diferente do que era no tempo do Concílio Vaticano II. É bom, isto? Acredito que esta é a direcção na qual o Espírito nos está a conduzir. O meu Mestre de Noviços dizia-nos: vocês precisam de trabalhar como se tudo dependesse de vós e de rezar como se tudo dependesse de Deus – como de facto, acontece na realidade.

Não é importante a forma que a Vida Religiosa assumirá no futuro – a questão fulcral é esta: *como continuar a dar um testemunho credível do seguimento radical de Jesus* e, em segundo lugar, *como ser uma presença misericordiosa e amorosa do nosso Pai celeste no meio dos seus filhos que sofrem?*⁴⁸ Isso será possível pela força do Espírito Santo e pela nossa vontade de cooperar alegremente com Ele.

O Concílio Vaticano II não nos traçou um itinerário nem elaborou nenhum projecto: limitou-se a dar-nos conselhos, como quando declara: é preciso voltar às Escrituras e recuperar a inspiração original dos Institutos, dos Fundadores! Esta advertência continua a ser válida hoje, e poderíamos acrescentar: “é preciso continuar a *interpretar os sinais dos tempos*”.⁴⁹ Precisamos também de conhecer as experiências dos últimos quarenta anos e a reflexão teológica, assim como as percepções que ganharam terreno durante este período – e precisamos de aprender com tudo isso.

⁴⁸ Cf. Mt 14, 4.

⁴⁹ Cf. Mt 16, 3.

Alguns factores que irão definir o modo como a Ordem irá evoluir no futuro, permitindo-lhe continuar a dar um testemunho autêntico do amor misericordioso do Pai pelos seus filhos, especialmente quando se encontram em necessidade, são:

- a) A urgência da missão, na qual estamos comprometidos, *impele-nos* a mudar, a adaptar-nos e a refocalizar a missão da Ordem.
- b) Deus deu à sua Igreja, através da nossa Ordem, dois dons especiais: o primeiro é a *Fraternidade*. Implícito neste dom está o mandamento de nos amarmos uns aos outros e, em particular, de amarmos aqueles a quem servimos e aqueles com quem trabalhamos, com quem nos relacionamos, como irmãos e irmãs. O dom de *irmanar* recorda-nos, a nós e a toda a humanidade, a singularidade da nossa vocação, um dom que mostra a toda a humanidade como deveriam viver os membros da mesma Família de Deus, como irmãos e irmãs, algo para o qual *todos* são chamados.⁵⁰
- c) Uma melhor compreensão do *segundo dom* que Deus dá à sua Igreja e à humanidade através da nossa Ordem, isto é, a *Hospitalidade*, que pode ser definida como *acolhedora e que cuida do estrangeiro que não tem direito algum de reivindicar de nós essa delicadeza, mas apenas as suas necessidades e a nossa longa tradição de pertença à Família Hospitaleira*. O acto de hospitalidade transforma a relação que existe entre os membros de um grupo de pessoas estranhas numa outra de pessoas próximas, no sentido bíblico. NÃO MAIS ESTRANGEIROS!, como diz a canção da Hospitalidade e o tema do DVD que acompanha esta carta.
- d) Chegar a um ponto no qual, quando nos referimos aos membros da Ordem, já não precisamos de continuar a fazer a distinção entre Irmãos e Colaboradores, mas podendo usar simplesmente o termo inclusivo *nós*.
- e) Um elemento importante no processo de renovação é o facto de todos serem mantidos informados acerca do que está a acontecer, para se sentirem envolvidos e comprometidos no processo. Para isto, é essencial que haja uma boa comunicação. Muitas boas ideias e bons planos acabam em águas de bacalhau precisamente por falta de comunicação. As pessoas têm que saber o que se espera delas, e que a sua cooperação activa é importante e necessária para que o processo de renovação tenha sucesso. Porém, devemos todos *ser firmes e não desanimar*,⁵¹ porque a renovação é um processo que leva tempo, que requer o compromisso livremente assumido por parte das pessoas e perseverança. A verdadeira mudança só ocorrerá quando forem tocados os corações e as mentes das pessoas, transformando-as interiormente.

⁵⁰ Cf. *Vita consecrata*, 60.

⁵¹ Cf. Js 1, 6-7

3.6. Compromissos tangíveis

É perfeitamente óbvio que as exigências de mudança têm necessariamente que emergir comparando o desejo de renovação com as necessidades das comunidades locais. Seria por isso impróprio, ou mesmo temerário, elaborar quaisquer instruções específicas para este processo e pretender aplicá-las a todos. Apesar disso, sinto-me no dever de sugerir algumas directrizes que apontem o caminho que deveríamos seguir, embora não sejam certamente as únicas possíveis, e nem todas devam necessariamente ser seguidas. Contudo, fornecerão um possível horizonte para o qual nos deveríamos orientar.

➤ *Uma renovada compreensão do Carisma.* À luz da renovação da teologia, graças ao Concílio Vaticano II e ao documento “*Vita Consecrata*”, devemos compreender que o Carisma não é um privilégio concedido por Deus a um Fundador que, por sua vez, o transmite depois aos seus seguidores. Um carisma é um dom que Deus dá à Igreja para o bem comum, através da vocação específica de um Fundador, que é depois transmitido à família religiosa por ele/ela fundada. Assim sendo, o Carisma possui três características fundamentais:

- a) *Eclesialidade.* Em primeiro lugar, o Carisma – que, no nosso caso, significa **Hospitalidade** – é um dom de Deus para a Igreja inteira, confiado a S. João de Deus, e por ele transmitido à Ordem hospitaleira. É, por conseguinte, impossível praticar, compreender e realizar a Hospitalidade fora do contexto eclesial do qual faz parte. Por outras palavras, o Carisma deve acompanhar os tempos, mantendo-se ao passo com a Igreja e com os desenvolvimentos das diferentes sensibilidades eclesiais. Não pode ser preservado como se fosse uma peça de museu, guardado idêntico sob todos os aspectos na sua forma original, para sempre: isso seria o melhor modo de o atraiçoar. Como julgo fique claro através do que escrevo nesta carta, o *Carisma da Hospitalidade* tem o seu próprio dinamismo intrínseco que se refere ao caminho de progresso que também a Igreja faz na história.
- b) *Incorporação.* Em virtude do “princípio de incorporação” que toda a teologia pastoral sublinha, por aquilo que já vimos, o **Carisma da Hospitalidade** deve ser visivelmente incorporado e vivido em situações históricas diferentes e em contextos nos quais tem que ser praticado. Considerando que o parágrafo anterior se refere ao aspecto da “*eclesialidade*” do Carisma, este diz respeito mais à sua dimensão social, à sua “*sociabilidade*”, se posso utilizar este termo. Por outras palavras, as necessidades do mundo, da sociedade contemporânea, das diferentes condições das pessoas doentes nos dias de hoje, dos novos tipos de doenças, etc. exigem que Hospitalidade seja praticada de maneira diversa, em muitos aspectos de forma radicalmente diferente da maneira como foi exercida no tempo de S. João de Deus. É graças a esta diferente abordagem da Hospitalidade que podemos permanecer fiéis ao Carisma e, por consequência, à vontade de Deus que concedeu o dom para o bem comum.

- c) *Expansividade*. O Carisma é, segundo a expressão latina, *expansivus sui*, isto é, tende a expandir-se e a ecoar nas outras pessoas que, de uma maneira ou de outra, participam dele. Porque, apesar de a *Ordem hospitaleira* ser o seu “administrador”, ou guardião, todos os que trabalham de qualquer forma com a Ordem também participam dele. Isto é algo que já tínhamos compreendido há muitos anos, mas o mais recente Capítulo Geral (2006) realçou este facto uma vez mais. Há, obviamente, vários graus de colaboração, desde as formas mais remotas e periféricas – por exemplo, os benfeitores e amigos que dão apoio – às mais directas e participativas. A partilha do Carisma admite por isso diversos graus de proximidade e, muitas vezes, nós defendemos que tínhamos uma espécie de reconhecimento canónico no sentido de uma forma mais directa de participação. O que é importante, no meu entender, é notar que, em termos carismáticos (acima e para além de qualquer reconhecimento canónico) existe ainda uma vasta gama de diferentes formas de participação no Carisma que, nalguns casos, são extremamente semelhantes à dos Irmãos.
- *Relações com os nossos Colaboradores*. Embora a data de início remonte a algumas décadas atrás, pelo menos ao tempo do Ir. Pierluigi Marchesi, houve um crescimento progressivo nas relações entre Irmãos e Colaboradores, confiando a estes cada vez mais responsabilidades na missão da Ordem. Num número constantemente crescente de Províncias, os Colaboradores não estão só envolvidos na assistência aos doentes mas assumiram responsabilidades administrativas e directivas. Além disso, em assuntos que dizem respeito à missão, os Colaboradores estão envolvidos na formação de políticas e na planificação do futuro. Como já disse mais acima, porém, há aqueles “observadores” deste processo, que prefeririam voltar aos velhos modelos do passado e encaram esta perspectiva com suspeição e indiferença, ou apatia. Nesta situação, ainda é difícil confiar aos Colaboradores um papel activo na tomada de decisões. Essencialmente, as suas opiniões e o papel que desempenham ainda se mantêm no plano de “funcionários”, e não de pessoas que participam plenamente na vida da Ordem, tornando-se plenamente responsáveis pela sua vida e o seu progresso na história.
 - *Uma vida exemplar*. Como também já firmei noutra parte deste documento, todos nós ficamos aquém das expectativas e todos temos as nossas fraquezas. Estes são aspectos inevitáveis relacionados com a nossa condição de seres humanos. Mas, onde deveríamos fazer um esforço, particularmente no caso dos Irmãos, é no sentido de dar um testemunho exemplar de vida cristã. A nossa Consagração pública em Hospitalidade exige isso de nós. Infelizmente, por vezes, não só não damos bom exemplo mas, pelas nossas atitudes, estilo de vida e comportamento, damos um contra-testemunho daquilo que é essencial na mensagem do Evangelho e no seguimento de Cristo.
 - *Vocações*. O que acabo de dizer tem repercussões importantes em termos das vocações. Devemos sempre poder dizer a qualquer jovem que se aproxima de nós e

⁵² A melhor estratégia vocacional deve basear-se no testemunho de vida. Uma comunidade acolhedora do previsível candidato é um factor importante para ajudar quem se encontra no processo de determinar a sua vocação: o que experimentar quando visita uma comunidade tanto poderá encorajá-lo como intimidá-lo. “*O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles também são testemunhas*”.⁵³ Por isso, procuremos em todas as situações dar um testemunho claro daquilo que constitui o núcleo da nossa essência de Irmãos, isto é, a **hospitalidade**.

Periodicamente, debatemos a possibilidade da existência de vários tipos de compromisso temporário, considerado temporário mesmo a partir do início. Este tema poderia ser debatido em fóruns apropriados, juntamente com outros modos de partilhar a Vida Consagrada por um período limitado de tempo. Como já disse, não deveríamos considerar a diminuição de vocações e o incremento do compromisso dos leigos em termos negativos. Na minha perspectiva, haverá Irmãos suficientes para fornecer um testemunho vivo do seguimento radical de Jesus, uma presença emblemática de fraternidade, um exemplo daquilo que é essencial na missão, em termos de serviço e doação na felicidade, no relacionamento baseado no respeito mútuo, em justiça, harmonia e hospitalidade.

Considero que estamos na “idade do laicado”, o emergir do papel dos leigos na Igreja. O aumento numérico de homens e mulheres leigos comprometidos – no nosso caso específico, os nossos Colaboradores – deveria ser encarado não tanto como uma forma de compensar a escassez de Irmãos, mas antes como uma “distribuição” diferente entre as duas vocações. Tudo faz parte do plano de Deus para o seu Povo. Um dos grandes documentos do Concílio foi a constituição dogmática sobre a natureza da própria Igreja, intitulada *Lumen Gentium*. No Capítulo IV, especificamente dedicado aos Leigos, o Concílio declara: “*Incumbe, portanto, a todos os leigos a magnífica tarefa de trabalhar para que o desígnio de salvação atinja cada vez mais os homens de todos os tempos e lugares. Esteja-lhes, pois, amplamente aberto o caminho, a fim de que, segundo as próprias forças e as necessidades dos tempos, também eles participem com ardor na acção Salvadora da Igreja*” (n.º 33).

Isto coloca aos Religiosos o dever de dar um testemunho profético vivo do que está no centro do Evangelho. Pela sua opção de vida, a sua maneira de viver e as suas acções, os Religiosos demonstram que a vocação para seguir a Cristo – uma vocação que é comum a todos os que se identificam como cristãos, isto é, como seguidores de Jesus – está no coração do chamamento para se ser Religioso.

- *Proximidade*. Infelizmente, cada vez menos Irmãos estão activamente comprometidos em serviços directos de assistência aos doentes e utilizadores dos nossos centros. A

⁵² Jo 1, 46.

⁵³ Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, IV, n.º 41.

questão a colocar onde só há alguns Irmãos seria: onde deveriam eles estar para dar testemunho do que é essencial na mensagem do Evangelho e na nossa vocação como Irmãos de S. João de Deus? Teria mais valor dar esse testemunho num sector administrativo ou desempenhando funções administrativas? Claro que também estes são serviços e exemplificam a mudança carismática acima mencionada. Mas não se pode limitar a isso toda a essência e o fim da sua vocação. Temos que encontrar formas adequadas e meios, que as pessoas e comunidades terão que decidir por sua conta, de modo a permitir que os Irmãos tenham um contacto mais directo com os doentes e as pessoas necessitadas, não necessariamente através de cuidados médicos ou de enfermagem, mas ao nível humano, relacional e pastoral. Eu vi frequentemente serviços preciosos serem prestados por Irmãos idosos aos doentes, a pessoas sós ou espoliadas. No DVD anexo, “O Rosto Mutável da Ordem”, forneço uma lista – de forma alguma exaustiva –, dos modos em que um Irmão pode manter um contacto directo com as pessoas que sofrem. Pode ser tão “simples” como de forma amigável, sentar-se junto de uma criança muito doente ou de um idoso e ficar simplesmente a fazer-lhe companhia. Este é um magnífico serviço de caridade que um Irmão idoso pode fazer, e que lhe pode dar satisfação, constitui uma alternativa a deixar correr o tempo, desperdiçando-o, como por vezes acontece, sofrendo uma sensação de “vazio” e rebaixamento.

TÓPICOS PARA DEBATE SOBRE O TEXTO

Capítulo 3 – As perspectivas de renovação

Para os Irmãos

1. Que dificuldades poderiam advir se considerarmos os Colaboradores como “membros da nossa família”?
2. Que efeitos acha que pode ter a renovação para a nossa vida comunitária, a missão da comunidade e as vocações?
3. O que acha que deveria ser mudado na nossa maneira de viver para estarmos mais próximos do Evangelho, do Carisma da Hospitalidade e das novas necessidades da humanidade?

Para os Irmãos e Colaboradores (Colaboradores por conta própria onde não há Irmãos)

1. Considera relevante o conceito de “Família hospitaleira”?
2. Como adaptaria as perspectivas de renovação propostas no documento à sua situação local?
3. Que passos poderiam ser dados em prática para imprimir à Ordem um respiro internacional mais vasto?

4. CONCLUSÕES

4.1. A riqueza do Carisma da Hospitalidade

O que descrevi relativamente à nossa vida e ao ministério é algo muito especial. O que está a acontecer no mundo onde a Ordem está presente é obviamente obra do Espírito Santo, pois manifesta a beleza, a expansividade e a riqueza do Carisma da Hospitalidade. Até que ponto ele é um dom transformador, inclusivo e abrangente, ninguém nem nenhuma instituição podem controlar ou limitar. “*O Espírito só pode manter constante o frescor e a autenticidade dos inícios e, ao mesmo tempo, infundir a coragem do empreendimento e da inventiva para responder aos sinais dos tempos.*”⁵⁴

Olhar para a Ordem é como olhar através de um prisma, que tem uma imensa variedade de cores e formas nas expressões de hospitalidade – dons, pessoas e vocações. Há a vocação do Irmão hospitaleiro e a do leigo cristão, ambas com as suas raízes no Baptismo cristão e unidos em missão.⁵⁵ Há ainda as pessoas de boa vontade que se identificam com, e assumem, os valores fundamentais da Ordem, não necessariamente a fé cristã, mas que contribuem para a sua missão de misericórdia através do seu profissionalismo e bondade inata, os seus talentos e outras qualidades humanas.⁵⁶

Recorrendo a uma metáfora, a Hospitalidade pode ser entendida como um grande rio formado por duas correntes que se juntam, mas que emanam de duas fontes diferentes. Uma das correntes tem a sua fonte na vocação que os Irmãos receberam e os levou a deixarem tudo para seguirem a Cristo. Os Irmãos procuram viver a partir da sua vocação para o serviço de Hospitalidade e, fazendo assim, dão testemunho do amor misericordioso do Pai pelos seus filhos que sofrem. A segunda corrente, a dos Colaboradores, tem a sua fonte no Baptismo cristão, no caso dos Colaboradores que são cristãos, e na opção vocacional que eles fizeram na vida.

Do mesmo modo que um rio que transpõe as margens e transborda continuamente, explorando novos terrenos, umas vezes à superfície, outras de forma subterrânea, a Hospitalidade é uma poderosa corrente que prossegue sem cessar o seu curso até ao mar. Fiéis ao espírito de João de Deus, a nossa fonte deve permanecer profunda e assinalar a corrente, ou influência, que nos impele para a frente. Através do estudo e procura, a corrente da Hospitalidade transporta-nos em todas as gerações, levando-nos a utilizar os recursos e desenvolvimentos científicos mais recentes para servir mais eficazmente a humanidade sofredora, iluminados e guiados pelo Magistério da Igreja e da Ordem.⁵⁷

⁵⁴ João Paulo II, *Partir de Cristo*, n.º 20.

⁵⁵ *Christifideles Laici*, n.º 33.

⁵⁶ Cf. *Vita Consecrata*, n.º 54.

⁵⁷ Cf. *Carta de Identidade*.

A forte corrente que incessantemente nos arrasta é constituída pela força do Espírito e pela urgência da missão. E nem poderia ser diversamente, se reflectirmos sobre a vida do nosso Santo Fundador, que suspirava: *“ao ver padecer tantos pobres meus irmãos e próximos, com tantas necessidades, tanto do corpo como da alma, fico muito triste por os não poder socorrer.”*⁵⁸

A profundidade da espiritualidade que nos foi transmitida é uma nova fonte de iluminação na qual beber. *“Hoje, a Ordem manifesta um rosto plural, inter-cultural, inter-racial. Ela sente-se chamada a propor o caminho espiritual de João de Deus a homens e mulheres que já não pertencem às culturas ocidentais, como sucedia até agora... Não basta aceitar o carisma como uma herança recebida. É preciso configurá-lo de novo, dar-lhe um novo rosto, interpretá-lo de uma forma mais actual. É preciso fazer “arder o coração”, não só aos membros da Ordem, mas também à sociedade, às pessoas, à Igreja.”*⁵⁹. E a força que nos sustenta neste ministério deriva das necessidades das pessoas que nos impelem a agir e a voltar constantemente a haurir na nossa fonte, S. João de Deus, para recebermos inspiração e orientação.

4.2. Ganhar todos para Cristo

Devemos constantemente recordar a nós mesmos a importância da missão de hospitalidade com que nos comprometemos e à qual nos consagramos. Como Irmãos, precisamos de exemplificar e ser homens de esperança para todos, num mundo que está rapidamente a perder a esperança, especialmente os jovens. Precisamos de viver dando testemunho de um Deus que é amor, sendo consciência crítica, testemunhas proféticas, guia morais e estando abertos às novas necessidades, em colaboração com todos os membros da Ordem.⁶⁰

Meus queridos Irmãos e Irmãs em Hospitalidade: a nossa amada Família de S. João de Deus tem muito a oferecer ao mundo e à Igreja de hoje e do futuro. Encorajemo-nos uns aos outros através da palavra e, acima de tudo, através do exemplo, para não desperdiçarmos as oportunidades que nos são diariamente oferecidas. Agarremo-nos a elas como um corredor agarra o bastão, com firmeza, convicção, entusiasmo e com um profundo, imenso desejo de ganhar o maior número para Cristo.

Uma vez mais, desejo sublinhar o facto que o futuro da Ordem e a garantia do sucesso da sua missão residem nos Irmãos que recebem uma formação sólida, na parceria estabelecida com os nossos Colaboradores e na sua formação. É esta parceria com os nossos Colaboradores que revigorarão a nossa Ordem e darão um novo significado à palavra “Ordem”. A nossa Família Hospitalreira é composta por um número muito elevado de homens e mulheres. Há os que professaram os votos religiosos, e há outros, a imensa maioria, que segue a própria vocação na vida estando unidos com os membros professos, no serviço da missão. Em conjunto,

⁵⁸ Cf. S. João de Deus, 2GL, 8.

⁵⁹ *Caminho de Hospitalidade*, Introdução, 6.

⁶⁰ Capítulo Geral de 2006.

formam um grande *rio de hospitalidade* que limpa, cura e dá vida e esperança às pessoas necessitadas. Com este espírito de parceria, confiança mútua, respeito e amizade entre Irmãos e Colaboradores, encontraremos uma vida nova, um novo significado e o ímpeto necessário para a missão que estimulará a nossa fé, fortalecerá a nossa esperança e inflamará a nossa caridade. Partindo desta compreensão do que *significa a hospitalidade à maneira de João de Deus*, faremos derivar uma verdadeira “Paixão pela Hospitalidade de S. João de Deus no mundo de hoje” e a urgência, o entusiasmo e o compromisso que dela promanam.

Finalmente, a hospitalidade é agora interpretada e expressa de uma forma que é sempre antiga e, contudo, sempre nova e moderna, segundo as necessidades das pessoas que sofrem nas mais diversas formas – segundo a expressão de Pio IX, “*caridade antiga com os mais modernos métodos*”. Este é um processo que, obviamente, nunca termina, que recria, que é vibrante e activo. Eu gosto de pensar que João de Deus sente muito orgulho naquilo que os seus seguidores fazem hoje, do mesmo modo que os mestres sentem brio quando os seus alunos conseguem realizar até mesmo coisas maiores e melhores que eles. Jesus disse: “*fareis obras maiores do que estas*”.⁶¹ Seguramente, S. João de Deus admira-se do modo como a minúscula semente que ele semeou em Granada pelo poder do Espírito Santo, em 1539, se tornou naquela flor magnífica que, desde então, ornamenta o jardim da Igreja e à qual o Papa S. Pio V se referia em 1572, quando deu a aprovação canónica para que os seguidores de João de Deus se constituíssem num Instituto Religioso.⁶²

Coloquemos as nossas necessidades individuais, familiares e comunitárias nas mãos seguras de Nossa Senhora, Mãe do Bom Conselho, no dia de cuja festa e em honra da qual publicamos este documento. Podemos estar certos que Ela, como uma mãe, não abandonará os seus filhos mas nos ajudará a fazer aquilo que o seu Divino Filho quer que façamos.⁶³ Dado que S. João de Deus continua vivo em cada um de nós, ele está connosco todos os dias, guiando e intercedendo pelas nossas muitas necessidades e pelas necessidades das pessoas a quem servimos em seu nome. Que a memória e o exemplo de tantos membros da Família hospitaleira que nos precederam e foram “marcados com o sinal de Hospitalidade”, alguns dos quais nos são propostos como ícones de hospitalidade, como os santos canonizados e beatificados, continuem a inspirar-nos e a motivar-nos no nosso trabalho quotidiano de serviço.

Unido convosco na esperança de um futuro luminoso para a nossa
grande Família Hospitaleira de S. João de Deus.

Ir. Donatus Forkan, O.H.
Superior Geral

⁶¹ Jo 14,12.

⁶² Cf. Russotto, G., *op. cit.*, Vol. I, p. 108.

⁶³ Jo 2.1.

Índice

1.	RENOVAÇÃO.....	2
1.1.	Renovação, o que é?	2
1.2.	Bases bíblico-teológicas.....	3
1.3.	A renovação é obra do Espírito.....	5
2.	HISTÓRIA DA RENOVAÇÃO NA ORDEM.....	8
2.1	O background histórico para a renovação permanente	8
2.1.1.	“O coração é que manda”	8
2.1.2.	Todas as formas de vida ou se desenvolvem ou acabam por morrer	9
2.1.3.	Uma maneira original, autêntica, de compreender a HOSPITALIDADE	10
2.2.	Como éramos.....	10
2.2.1.	Os Irmãos antes do Concílio Vaticano II	10
2.2.2.	Os Irmãos do tempo do Concílio Vaticano II	13
2.3.	...e como somos hoje	14
2.3.1.	Os efeitos da renovação	14
2.3.2.	A renovação conduziu a algo novo	16
2.3.3.	A “nova hospitalidade”	16
2.3.4.	Purificação da memória.....	18
2.3.5.	Uma nova parceria.....	19
2.3.6.	Uma estrutura para preservar a herança deixada por João de Deus	19
2.4	O carisma da Hospitalidade	20
2.4.1.	A marca oficial dos Irmãos – Fidelidade ao Carisma da Hospitalidade	20
2.4.2.	A hospitalidade é a nossa herança.....	21
2.4.3.	Uma relação de total confiança.....	22
3.	AS PERSPECTIVAS DE RENOVAÇÃO.....	24
3.1.	A Ordem como “Família” – a Família Hospitaleira	24
3.1.2.	Aprendendo dos Irmãos missionários	25
3.2.	Rumo à renovação	25
3.2.1.	“Começar de novo”	26
3.2.2.	A que ponto estamos agora em termos de renovação?.....	26
3.2.3.	João de Deus redescoberto!	29
3.2.4.	A importância da comunidade religiosa	30
3.3.	Colaboradores/Missão	32
3.3.1.	Tanto os Irmãos como os Colaboradores receberam o dom da Hospitalidade.....	32
3.3.2.	Formação de Colaboradores e clareza sobre a missão.....	33
3.4.	Os desafios.....	34
3.4.1.	Fidelidade à nossa identidade hospitaleira	34
3.4.2.	A dimensão internacional.....	35
3.4.3.	Cooperação interprovincial e internacional.....	36
3.5.	O futuro?	36
3.6.	Compromissos tangíveis	38
4.	CONCLUSÕES	42
4.1.	A riqueza do Carisma da Hospitalidade	42
4.2.	Ganhar todos para Cristo.....	43

NÃO MAIS ESTRANGEIRO – CANÇÃO DA HOSPITALIDADE

Que as sementes da Hospitalidade ganhem raízes nos nossos corações,
Que o dom da hospitalidade seja o dom que repartimos,
Quando acolhemos o estrangeiro que bate à nossa porta,
Quando partilhamos com ele a nossa mesa.

Que possamos estender a nossa mão a quem precisa de assistência,
Que possamos percorrer com eles o seu caminho, escutando a sua história,
Que os nossos corações estejam sempre abertos ao estrangeiro,
Para que ele já não seja estrangeiro.

1.

Houve Alguém que veio ao mundo para partilhar connosco o amor de Deus
Também ele percorreu caminhos de solidão, procurando pertencer...
Ele quis estabelecer a sua morada no íntimo dos nossos corações,
E agora Ele vive dentro de nós, e de nós nunca se apartará.

2.

Este que caminha connosco, que vive naqueles com quem nos encontramos,
Talvez não O reconheçamos, mas ouvi-Lo-emos igualmente dizer :
Ao dardes uns aos outros dais também a Mim,
Ao acolherdes o estrangeiro, é a Mim que acolheis também.

© 2007 Marie Dunne,
CHF – *Congregação da Sagrada Família*